



UC/FPCE — 2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Avaliação das práticas educativas parentais em famílias negligentes e/ou abusivas

Bárbara Sofia de Amorim Magalhães
(e-mail: barbaraamorimm@gmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica e Saúde, sub-área de especialização em Psicologia Forense sob a orientação da Professora Doutora Isabel Marques Alberto

Avaliação das práticas educativas parentais em famílias negligentes e/ou abusivas

Resumo: O presente estudo tem como objetivo avaliar se as práticas educativas parentais diferem significativamente entre uma amostra de famílias sinalizadas aos serviços de proteção (Comissão de Proteção de Crianças e Jovens) como negligentes e/ou abusivas (N= 30 famílias) e uma amostra de famílias da população geral (N=30 famílias). Para isso, administrou-se um protocolo de investigação constituído por duas versões (uma para pais; outra para crianças dos 7-16 anos). O protocolo administrado aos pais inclui: O Questionário de Avaliação da Perceção das Práticas Parentais (EMBU) – versão pais, o Inventário de Sintomas Psicopatológicos – BSI, o Inventário de Competências Sociais e de Problemas do Comportamento em Crianças e Adolescentes – CBCL. O protocolo administrado aos filhos inclui: O Questionário de Avaliação da Perceção das Práticas Parentais (EMBU) – versão crianças/adolescentes e o Inventário de Problemas do Comportamento para Crianças e Adolescentes – YSR. Todos eles apresentam bons índices de fidedignidade e de validade, tanto na amostra de Controlo (EMBU versão pais $\alpha=.858$; BSI $\alpha=.972$; CBCL $\alpha=.937$; EMBU versão crianças $\alpha=.882$; EMBU versão adolescentes $\alpha=.882$; YSR $\alpha=.908$) como na amostra da CPCJ, (EMBU versão pais $\alpha=.735$; BSI $\alpha=.984$; CBCL $\alpha=.993$; EMBU versão crianças $\alpha=.932$; EMBU versão adolescentes $\alpha=.869$; YSR $\alpha=.920$).

No que concerne às práticas educativas parentais não foram encontradas diferenças significativas entre a amostra de Controlo e a amostra da CPCJ. No entanto, verificaram-se alguns valores significativamente diferentes entre as duas amostras no que respeita a algumas subescalas do CBCL, nomeadamente, a subescala Agressividade, Depressão e Somatização, e na escala Total do CBCL, assim como na subescala Ideação Paranóide do BSI. Os resultados obtidos através das regressões indicam-nos que, a subescala Ideação Paranóide surge com capacidade para prever o tipo de práticas educativas parentais, mais especificamente a subescala Suporte Emocional e Rejeição, tal como prediz a escala Total do CBCL e algumas das suas subescalas. Quanto às práticas educativas parentais, a subescala Rejeição surge com valor preditivo da escala Total do CBCL e também de algumas das suas subescalas. A pertença a cada um dos grupos da amostra surge também como preditor da escala Total do CBCL e algumas das suas subescalas. Além disto, não se verificaram diferenças significativas entre as duas amostras no que respeita às práticas educativas parentais na perspetiva das crianças/adolescentes.

Palavras-chave: práticas educativas parentais; estilos parentais; parentalidade; famílias negligentes; famílias abusivas.

Assessment of parenting educational practices in families negligent and / or abusive

Abstract: The present study aims to assess whether parenting practices differ significantly between a sample of families marked to the protection services (Commission for Protection of Children and Young People) as negligent and / or abusive (N = 30 families) and a sample of families from the general population (N = 30 families). To this was administered to a research protocol consists of two versions (one for the parents and another for the children between the ages 7-16 years). The protocol administered to the parents includes: The perception's evaluation questionnaire of Parental Practices (EMBU) – parents' version, the Brief Symptoms Inventory – BSI, and Child Behaviour Checklist – CBCL. The protocol administered to the children includes: The perception's evaluation questionnaire of Parental Practices (EMBU) - children / adolescents version and Youth Self Report – YSR.

All of them have present levels of reliability and validity, both in the control sample (EMBU – parents' version $\alpha=.858$; BSI $\alpha=.972$; CBCL $\alpha=.937$; EMBU children version $\alpha=.882$; EMBU adolescents version $\alpha=.882$; YSR $\alpha=.908$), as in the sample of CPCJ, (EMBU parents' version $\alpha=.735$, BSI $\alpha=.984$; CBCL $\alpha=.993$; EMBU children version $\alpha=.932$, EMBU adolescents version $\alpha=.869$, YSR $\alpha=.920$).

Regarding the parenting practices, there haven't been found significant differences between the control sample and the CPCJ sample. However, there were some significantly different values between the two samples, concerning some of the CBCL subscales, namely the Aggression, Depression and Somatization subscale, and the Total scale of the CBCL, as well as the Paranoid Ideation subscale of the BSI. The results obtained from the regressions indicate us that the Paranoid Ideation subscale appears capable to predict the type of parenting practices, specifically the Emotional Support and Rejection subscales, well as the Total scale of the CBCL and some of its subscales. Regarding the parenting practices, the Rejection subscale comes with the predictive value of the Total scale of the CBCL and also some of its subscale. The belonging to each of the sample groups also appears as a predictor of Total scale of the CBCL and some of its subscales. Moreover, there were no significant differences between the two samples, regarding the parenting practices from the children/adolescents perspective.

Key Words: parenting practices, parenting styles, parenting, neglectful families, abusive families.

Agradecimentos

As palavras parecem sempre escassas quando queremos descrever o que nos vai na alma... Agradecer, de forma adequada, a todos aqueles que, de diferentes formas, acompanharam e contribuíram para este trabalho não é tarefa fácil, por isso, desde já, a todos, muito obrigado!

Existem, no entanto, alguns agradecimentos especiais que não posso deixar de reforçar.

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Isabel Alberto, que foi incansável na força, no apoio e na confiança que demonstrou e nos incutiu mesmo quando a meta parecia ainda muito distante. Por me ter feito acreditar que era possível, o meu sincero obrigado.

Um agradecimento especial a Ana, companheira nesta caminhada, pela troca de ideias, pela motivação nos momentos mais desgastantes, pelo carinho.

À Filipa, pela amizade, pelas horas a passar questionários, por todas as gargalhadas e brincadeiras que tornaram tudo mais simples.

Aos amigos, por acreditarem todos os dias.

À minha família por todo o amor, pelos sorrisos que me dão força.

Aos meus pais e irmão que apesar de estarem longe nunca deixaram de me apoiar e reconfortar, em particular, à minha mãe, que me apoia incondicionalmente em todas as minhas batalhas.

Ao Zé por todo o amor, pelos sorrisos que me aquecem o coração e me dão força para continuar, por ser o meu refúgio e o meu porto seguro, por contribuir para a pessoa que sou.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual.....	2
1.1. Parentalidade: breve caracterização	2
1.2. Prática Educativas Parentais e Estilos Parentais	3
1.2.1 Práticas Educativas Parentais	4
1.2.2. Estilos Parentais	5
1.3. Famílias Abusivas e/ou Negligentes	7
II - Objetivos	12
III - Metodologia.....	12
3.1. Amostra	12
3.1.1. Amostra dos Pais/Cuidadores.....	12
3.1.2. Amostra Crianças/Adolescentes.....	13
3.2. Instrumentos	14
3.2.1. Protocolo para os pais	14
3.3. Procedimentos	22
IV - Resultados.....	22
V – Discussão.....	26
VI - Conclusões.....	29
Bibliografia	32
Anexos	41

Introdução

A parentalidade constitui-se como um motor fundamental de crescimento e desenvolvimento da família, representando as figuras parentais uma fonte de influência no percurso de desenvolvimento da criança (Cruz, 2005). As crianças apresentam diferentes necessidades e competências, e os pais possuem diferentes expectativas em relação aos seus comportamentos à medida que a idade avança, exercendo influência no seu comportamento parental e educativo. De facto, é da responsabilidade dos pais escolher aquilo que ensinam à criança, pois são capazes de saber o que a sociedade vai exigir dela, bem como de tornar o processo de aprendizagem adequado à idade e à fase de desenvolvimento da criança, de forma a ser passível de ser aprendido e de ser satisfatório para esta (Baumrind, 1966).

Através de estratégias disciplinares específicas, designadas de práticas educativas parentais os pais promovem comportamentos sociais e moralmente desejáveis e buscam eliminar ou reduzir comportamentos menos desejáveis ou inadequados (Baumrind, 1997).

Assim, neste estudo pretende-se perceber se existem diferenças significativas entre as práticas educativas parentais vigentes em famílias com negligência e/ou abuso, sinalizadas na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens e famílias da população geral.

O presente trabalho é constituído por quatro secções. A primeira é dedicada ao enquadramento conceptual que foca algumas temáticas, recorrentes de uma pesquisa da literatura, pertinentes para o estudo (parentalidade, práticas educativas parentais, estilos parentais e famílias abusivas e/ou negligentes). A segunda remete para o estudo empírico, descrevendo os objetivos, a metodologia utilizada neste estudo, com destaque para a descrição da amostra e dos instrumentos utilizados. A terceira secção incide na apresentação e discussão dos resultados obtidos. Por fim é feita uma conclusão da presente investigação, onde serão destacados os contributos centrais deste trabalho, bem como as limitações e sugestões para estudos posteriores.

I – Enquadramento conceptual

1.1. Parentalidade: breve caracterização

Segundo Alarcão (2006) é habitual pensarmos na família como um lugar onde naturalmente nascemos, crescemos e morremos. A família é entendida como um espaço privilegiado para a elaboração e aprendizagem de dimensões significativas da interação, tais como os contactos corporais, a linguagem, a comunicação e as relações interpessoais. É ainda o espaço de vivências de relações afetivas profundas como a filiação, a fraternidade, o amor, a sexualidade, entre outras (Alarcão, 2006). É neste espaço que se desenvolve o subsistema parental, habitualmente constituído por pai e mãe¹, que têm funções executivas visando a educação e proteção das gerações mais novas. A relação entre pais e filhos é identificada como um fator familiar significativo nas variações no desenvolvimento emocional, comportamental e social da criança (Cox & Paley, 1997, Paley et al., 2000, Waters & Cummings, 2000, citado em Lifford, Harold, & Thaper, 2007). Sendo também o fator biológico uma influência muito visível, uma vez que os pais contribuem geneticamente para aquilo que a criança irá ser (Bornstein & Cheach, 2006).

A parentalidade é então caracterizada pelo seu carácter dinâmico, visto que a rapidez e clareza das mudanças ocorridas na infância provocam fascínio e disposição para a ação nos pais, a fim de dar resposta ao que lhes é exigido. Ao longo do desenvolvimento das crianças ocorrem importantes alterações em inúmeros domínios, ao nível do sistema nervoso, do corpo, das capacidades sensoriais e percetivas, assim como na compreensão e na comunicação, emergindo, ao mesmo tempo características e estilos pessoais e sociais. Todos estes domínios influenciam a parentalidade, sendo que esta, por sua vez, também afeta a dinâmica com que estes se desenvolvem e processam (Bornstein, 2002).

Os pais são os principais responsáveis pelo desenvolvimento do filho, com algumas características da sua personalidade ganhando especial relevo, como a resolução de problemas de forma eficaz, não ansiosa, persistente e flexível. Destaca-se também a capacidade que os pais poderão ter para o desenvolvimento de relações positivas sustentadas caracterizadas por empatia e mutualidade, além do auto-desenvolvimento parental, que permitirá aos pais transmitir autonomia e confiança a criança (Heinicke, 2002).

Segundo Alarcão (2006) o exercício da parentalidade pode ser definido como um “modelo de funcionamento que pressupõe o desempenho das funções executivas, como proteção, educação, integração na cultura familiar, relativamente as gerações mais novas (...) resulta sempre da reelaboração dos modelos de parentalidade construídos na (s) família (s) de origem e vai sendo reestruturado em função do estágio de evolução familiar

¹ O subsistema parental varia na sua composição (Alarcão, 2006) podendo os pais não fazerem parte desta estrutura, sendo substituídos por um avô ou avó, ou ambos, outras vezes por uma tia, um padrinho ou até um irmão mais velho.

e dos seus contextos vivenciais” (p.353). É a partir das interações pais-filhos que as crianças aprendem o sentido da autoridade, a forma de negociar e de lidar com o conflito no contexto de uma relação vertical, assim como o desenvolvimento do sentido de filiação e de pertença familiar (Alarcão, 2006).

Cruz (2005), por sua vez, define a parentalidade como o “conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (p.13). A parentalidade remete, então, para funções como: a) satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência e saúde; b) disponibilizar à criança um mundo organizado e previsível; c) responder às necessidades de compreensão cognitiva das realidades extra familiares; d) satisfazer as necessidades de afeto, confiança e segurança; e) satisfazer as necessidades de interação social da criança (Bornstein, 2002; Palácios & Rodrigo, 1998; Parke & Buriel, 1998, citado em Cruz, 2005).

Pode-se caracterizar o exercício da parentalidade segundo três grandes funções: a) o exercício da autoridade; b) a promoção da socialização e individualização; e c) a afetividade associada à prestação de cuidados e à qualidade da vinculação (Taborda Simões, Martins, & Formosinho, 2006). A promoção da autonomia é outra das tarefas subjacentes ao exercício da parentalidade tendo como função facilitar a emancipação das crianças no contexto social (Relvas & Alarcão, 2002). Para tal, é necessária uma preparação para os desafios e exigências com os quais a criança, mais tarde ou mais cedo, se confrontará. Os cuidados afetivos são outra tarefa central do exercício da parentalidade, associados à vinculação e à afetividade positiva (Cummings & Cummings, 2002; Herbert, 2004).

Belsky (1984) desenvolveu o “Modelo dos Determinantes da Parentalidade” dimensionado para a compreensão do abuso de crianças, pretendendo englobar o maior número de variáveis correlacionadas com o comportamento parental. Segundo este modelo, o comportamento parental é multideterminado ou seja, a parentalidade é influenciada pelas características pessoais dos pais e da criança (personalidade) e pelo contexto social na qual a relação dos pais – criança está inserida. Além disso, assume que as histórias desenvolvimentais dos progenitores, as relações conjugais, as redes sociais e a experiência profissional definem a personalidade e o bem estar psicológico dos pais, afetando o comportamento parental que, por sua vez, vai influenciar o desenvolvimento da criança (Belsky, 1984).

1.2. Prática Educativas Parentais e Estilos Parentais

Vários estudos se têm focado na importância da interação entre pais e filhos, nomeadamente na influência que as práticas educativas parentais exercidas pelos pais podem ter no desenvolvimento das crianças e adolescentes (Baumrind, 1966, 1997; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983). As práticas parentais são definidas como comportamentos por parte dos progenitores que têm um objetivo específico e através dos

quais os pais exercem os seus deveres parentais (Darling & Steinberg, 1993). São estratégias com o objetivo de eliminar comportamentos considerados inadequados ou de incentivar a ocorrência de comportamentos adequados (Weber, Prado, Viezzer, & Brandenburg, 2004). Segundo o Modelo Integrativo de Darling e Steinberg (1993), as características parentais direcionadas para os objetivos de socialização são de dois tipos: estilos parentais e práticas parentais. Através destas práticas parentais os pais atuam como agentes socializadores relativamente aos seus filhos. Os estilos educativos parentais são, parcialmente, expressos através das práticas parentais, visto que estas são comportamentos através dos quais as crianças inferem as atitudes emocionais dos seus pais (Darling & Steinberg, 1993).

1.2.1 Práticas Educativas Parentais

De acordo com Hoffman (1960 citado em Ceconello et al., 2003) o poder é definido como o potencial que uma pessoa tem para incitar a outra a agir de uma forma que vai contra a sua própria vontade. Uma relação que ilustra esta situação é a relação entre pais e filhos na qual existe uma concentração de poder na figura parental. No entanto, existem duas práticas em que os pais podem utilizar esse poder de maneira a alterar o comportamento dos filhos, as práticas parentais coercivas e práticas parentais não-coercivas ou indutivas (Alvarenga & Piccinini, 2007; Hoffman, 1960, citado em Ceconello et al., 2003).

As práticas não coercivas ou indutivas envolvem comportamentos que comunicam à criança o desejo dos pais de que ela modifique o seu comportamento, induzindo-a a obedecer-lhes (Hoffman, 1975, citado em Ceconello et al., 2003). Ou seja, direcionam a atenção da criança para as consequências que o seu comportamento tem para si e para os outros e apoiam-se em explicações sobre regras, princípios e valores. Quando a criança sente que vive num clima caloroso, de afeto e apoio, compreende melhor os valores dos pais e segue as suas orientações por saber que eles o fazem por preocupação e afeto (Cavell, 2000, citado em Salvador & Weber, 2005). Desta forma, reforça-se a comunicação enquanto base das práticas indutivas.

As práticas coercivas referem-se a práticas que utilizam a aplicação direta do poder dos pais (Hoffman, 1975, citado em Ceconello et al., 2003). Destas práticas fazem parte as punições físicas e privações de privilégios, recorrendo a ameaças, coagindo a criança a adequar o seu comportamento às reações punitivas dos pais (Ceconello et al., 2003). Geralmente, a punição faz com que o comportamento cesse no imediato. No entanto, a punição não funciona a longo prazo acarretando graves consequências para as crianças, tais como violência, agressão, depressão, inflexibilidade emocional e intelectual (Sidman, 2001, citado em Salvador & Weber, 2005). Este tipo de práticas provoca muitas vezes emoções intensas, como hostilidade, medo e ansiedade, interferindo na capacidade da criança para ajustar o seu comportamento, além de gerar sentimentos de fracasso, debilitando a autoestima e a autoconfiança e minando a relação entre pais e filhos fazendo

com que os últimos temam os primeiros (Cecconello et al., 2003; Sidman, 2001, citado em Salvador & Weber, 2005).

Numa investigação desenvolvida por Silvaes e Toni (Salvo, Silvaes, & Toni, 2005) com crianças brasileiras entre os onze e os treze anos, verificou-se que o abuso físico, a punição inconsistente, uma disciplina relaxada que não obriga ao cumprimento das regras estabelecidas, a monitorização negativa e a negligência se associam ao desenvolvimento de comportamentos anti-sociais. Confirmou-se que uma monitorização negativa, caracterizada pelo uso de um tom hostil e falta de confiança entre pais e filhos, é um bom preditor de comportamentos de internalização ou de externalização. Embora a monitorização negativa ou o descuido na disciplina sejam problemáticos, os piores resultados surgem associados à negligência que se correlaciona fortemente com o aparecimento de comportamentos anti-sociais.

Estes resultados são corroborados pelo estudo de Alvarenga e Piccinini (2007) que evidenciaram a relação entre práticas facilitadoras (orientação, sensibilidade, controlo assertivo e envolvimento positivo) e competência social, por um lado, e práticas coercivas e não contingentes (controlo coercivo e ambíguo, intrusividade e permissividade) e comportamentos de externalização, por outro. A obediência pode ser estimulada por práticas de carácter coercivo pelo que o seu uso moderado e consistente pode favorecer o desenvolvimento social.

1.2.2. Estilos Parentais

Baumrind (1966, 1968), uma das autoras pioneiras no estudo dos estilos parentais, procurou avaliar o impacto das práticas parentais em diversas dimensões da vida dos indivíduos e contribuiu para a formulação da tipologia que considera a existência de três estilos parentais – o autoritário (*authoritarian*), o autoritativo (*authoritative*) e o permissivo (*permissive*), que contribuem para uma melhor compreensão da socialização da criança.

Estilo autoritário – Os pais tendem a modelar, controlar e avaliar o comportamento da criança de acordo com um padrão rígido de comportamento que é considerado, frequentemente, como um padrão absoluto. Os pais utilizam estratégias apoiadas na obediência, em punições e no uso de medidas de força, sempre manifestadas através da imposição (Baumrind, 1966; 1968). A comunicação é pautada por uma baixa responsividade e rejeição, sendo o diálogo desvalorizado devido ao elevado grau de exigência e controlo parental (Baumrind, 1966; 1968). Como consequência, a criança adota comportamentos submissos, dependentes e baixa motivação para a realização. Destaca-se o rigor, a severidade e o estabelecimento de limites, além da hostilidade verbal e das restrições (Robinson et al., citado em Williams et al., 2009; Boeckel & Sarriera, 2006).

Estilo permissivo (permissive) – Os pais permissivos são pouco controladores, tentando comportar-se de um modo positivo, aceitante e não punitivo no que concerne aos desejos e comportamento dos seus filhos (Baumrind, 1966; 1968). Há algumas características que de modo geral estão

presentes nestes pais, nomeadamente, o facto de agirem de forma aceitante, afirmativa e não punitiva no que respeita a desejos e ações dos seus filhos. Percecionam-se a si próprios como um recurso para a criança utilizar como entende e não como um agente ativo e responsável por modificar e alterar o comportamento da criança. As exigências de maturidade são poucas, sendo que o objetivo imediato para estes pais é dar à criança a maior liberdade possível, acautelando a sobrevivência física desta (Baumrind, 1966; 1968). As crianças regulam as suas próprias atividades, uma vez que os pais evitam exercer o controlo e não insistem para que as crianças obedçam a padrões definidos. Procuram utilizar a razão, mas evitam a utilização de poder expresso para conseguirem os seus fins (Baumrind, 1966; 1968). De referir que, além de uma disciplina vaga e inconsistente, o mau comportamento da criança é ignorado, o que leva estes pais a não ter confiança na sua parentalidade (Williams et al., 2009).

Estilo autoritativo – Os pais tentam orientar as atividades da criança de uma forma racional e estimulam a sua independência e individualidade. Valorizam tanto a vontade própria da criança como a conformidade desta em relação ao que é realmente importante. Exercem um controlo firme, adotando uma atitude de confronto quando há divergências, mas não exageram nas restrições (Baumrind, 1966; 1968), ou seja, os pais estabelecem claramente as regras, embora promovam a independência dos seus filhos, desenvolvendo com eles uma relação de troca de “dar e receber” (Boeckel & Sarriera, 2006). Destaca-se a comunicação clara e a ativação da reflexão. Este estilo permite a adaptação a situações stressantes e o desenvolvimento de competências psicossociais, originando índices mais baixos de comportamentos disfuncionais e a melhores níveis de auto-estima (Boeckel & Sarriera, 2006).

Os estudos desenvolvidos por Baumrind contribuíram significativamente para o conhecimento dos estilos parentais educativos, elucidando, em particular, como diferentes formas de controlo comportamental se associam ao funcionamento adaptativo em diferentes etapas do desenvolvimento.

Maccoby e Martin (1983) procuraram conciliar a abordagem configuracional de Baumrind com tentativas anteriores de definir o comportamento parental com base em duas principais dimensões do comportamento parental, a *responsividade*, que se traduz em comportamentos de apoio e aquiescência que favorecem a individualidade e a auto afirmação dos filhos (Baumrind, 2005), e a *exigência*, que se refere aos comportamentos parentais que requerem supervisão e disciplina (Baumrind, 2005). Maccoby e Martin (1983) propuseram dois novos estilos parentais, o *indulgente* e o *negligente*, que resultaram do desdobramento do estilo permissivo da tipologia dos estilos parentais de Baumrind:

Estilo indulgente – Os pais não estabelecem regras nem limites, sem exigir responsabilidade e maturidade. Permitem que seja a criança a monitorizar o seu comportamento pois são excessivamente tolerantes. Tendem a ser afetivos, comunicativos e recetivos, satisfazendo qualquer desejo que a criança apresente (Cecconello et al., 2003);

Estilo negligente – Representa pais que não são afetivos nem exigentes. Demonstram pouco envolvimento com a tarefa de socialização da criança não monitorizando o seu comportamento. Tendem a responder somente às necessidades básicas dos seus filhos, pois estão focados nos seus próprios interesses (Cecconello et al, 2003).

Os estudos realizados com base na tipologia de Baumrind mostraram que os diferentes estilos parentais não promovem da mesma maneira o desenvolvimento da criança (Patterson & Fisher, 2002). Por exemplo, o estilo parental autoritativo está associado a comportamentos dirigidos para objetivos, uma maior responsabilidade social e a uma melhor capacidade de auto-controlo (Baumrind, 1971). Ele está igualmente associado a uma melhor capacidade adaptativa nos pré-adolescentes (Kaufman et al., 2000), com maior competência social, com uma menor ocorrência de problemas de comportamento ou do foro psicológico (Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991), com uma melhor capacidade de auto-regulação (Eiden, Edwards, & Leonard, 2007; Grolnick & Ryan, 1989) e com um melhor desempenho escolar (Grolnick & Ryan, 1989; Steinberg, Elmen, & Mounts, 1989; Steinberg, Lamborn, Dornbusch, & Darling, 1992). Em contrapartida, o estilo parental autoritário associa-se a um conceito de si mais negativo enquanto o estilo negligente está relacionado com uma menor competência psicossocial e mais problemas de comportamento e o estilo permissivo com uma maior taxa de abuso de substâncias (Steinberg et al., 1992).

1.3. Famílias Abusivas e/ou Negligentes

Apesar de a família ser encarada como um local de realização afetiva, de compreensão recíproca e de segurança, diversos estudos empíricos mostram que, pelas suas características de intimidade, privacidade e crescente isolamento, ela está a tornar-se, cada vez mais, como um sistema que tende a ser conflituoso (Corsi, 1995, citado em Alarcão 2006). Alguns estudos indicam que é na família que a experiência de violência é mais frequente (Almeida et al., 2001, citado em Simões, Mota, & Loureiro, 2006; Costa & Duarte, 2000).

As famílias em contextos de múltiplos riscos encontram desafios particularmente complexos, enquanto mostram também dispor de reduzidos recursos para o desempenho da sua função parental. Segundo Alarcão (2006) este tipo de famílias é caracterizado por um isolamento social, desorganização, instabilidade, labilidade de fronteiras, estilos parentais autoritários ou permissivos e frequentes patologias, assim como por uma diminuída capacidade de resposta às necessidades dos filhos. A carência de meios económicos e de competências sociais amplia os problemas que surgem e reduz as capacidades de resposta eficaz.

Existem situações especiais, designadamente os abusos e a negligência por parte dos pais que estão muitas vezes associados a estas famílias, no entanto é preciso ter em atenção que estes conceitos não são exclusivos destas, visto que é uma problemática que é transversal a vários tipos de famílias e a vários níveis socioeconómicos (Azedo & Maia, 2006).

O conceito de maltrato é difícil de definir, particularmente pelas diferenças culturais e pelas práticas dos cuidados das crianças (Alberto, 2008), no entanto é geralmente concetualizado como qualquer ação ou omissão, não acidental, que conduza ao risco eminente de danos físicos ou emocionais, que impede ou põe em perigo a satisfação das necessidades físicas e psicológicas básicas da criança, por um prestador de cuidados responsável pela sua segurança (Alarcão, 2006; Azevedo & Maia, 2006).

Segundo Alberto (2008) existem duas dimensões do maltrato: a) a negligência que se refere à ausência de relação entre os adultos e a criança, o que faz com que as necessidades básicas das crianças não sejam garantidas; b) o abuso que se caracteriza pela existência de uma relação entre adulto e crianças onde esta é usada e remetida para um papel de “objeto”, quer a nível físico/corporal, quer a nível psicológico. A relação abusiva integra-se frequentemente numa medida disciplinar e educativa e na afirmação do poder e do exercício duma autoridade extrema dos pais/mães em relação aos seus filhos (Alberto, 2006).

A negligência refere-se a situações em que as necessidades físicas básicas da criança (alimentação, vestuário, higiene, proteção e vigilância em situações potencialmente perigosas, educação e/ou cuidados médicos) não são atendidas ocasional ou permanentemente por nenhum dos membros do par parental, ou seja, os adultos falham por omissão nos cuidados de que uma criança precisa para crescer saudável. Ainda que algumas consequências, como a falta de higiene ou o vestuário inadequado, possam ser visíveis, a negligência é um fenómeno silencioso e difícil de provar, uma vez que diz respeito a gestos não realizados e uma falta de ação marcada pela indiferença. Há autores que consideram ser o tipo de maltrato mais frequente e mais comum sendo, simultaneamente, um dos mais graves e sobre o qual menos se sabe (Azevedo & Maia, 2006; Magalhães 2002 & Gamboa 2001; Mennem, Kim, Sang, & Trickett, 2010; Papalia 2001). A investigação indica que algumas dimensões psicológicas podem marcar a diferença entre pais negligentes e pais não-negligentes, designadamente, os níveis de assertividade, positividade e envolvimento nas interações com os filhos (Wilsona, Racka, Shib, & Norris, 2008).

O abuso pode verificar-se de várias formas, designadamente, o abuso físico, o abuso psicológico, o abuso sexual, entre outros.

O abuso físico integra as agressões físicas perpetradas em crianças por parte dos cuidadores, mesmo que tenham uma intenção “educativa” (Alberto, 2008; Gamboa, 2001; Magalhães, 2002; Papalia, 2001), que podem colocar em perigo o desenvolvimento físico, social ou emocional da criança. Exemplos de comportamentos fisicamente abusivos são: castigos corporais, queimaduras, envenenamentos, asfixias ou afogamentos, golpes efetuados com objetos, pontapés, empurrar, esbofetear, morder ou sujeitar as crianças a trabalhos pesados e inadequados à sua idade. O abuso físico enquadra-se num contínuo de práticas parentais educativas e relacionais, onde é difícil estabelecer a fronteira relativamente ao que é adequado e o que é abusivo (Alberto, 2008).

O abuso psicológico é um tipo de abuso bastante frequente mas difícil

de ser detetado visto que não deixa marcas físicas e é pouco valorizado socialmente (Alberto, 2008; Canha, 2000; Graça, Lavadinho, & Cruz, 2002). Este tipo de abuso tem várias consequências no desenvolvimento das crianças, nomeadamente a nível emocional, social e comportamental (Egeland, Weinfield, Bosquet, & Cheng, 2000, citado em Slep, Heyman, & Snarr, 2011). Considera-se abuso psicológico quando a criança é agredida através de palavras ou atitudes que provocam humilhação ou a ameaçam, ou por um ambiente relacional caracterizado por gestos inconsistentes que comunicam confusão ou isolamento (Slep, Heyman, & Snarr, 2011). A rejeição, a chantagem, o isolamento e os castigos que provocam um medo intenso são também formas de abuso psicológico. Alguns autores referem-se à superproteção como uma forma mais camuflada de maltrato infantil, que torna as crianças dependentes e inseguras, pouco autónomas e pouco responsáveis, porque os pais decidem quase tudo por elas (Azevedo & Maia, 2006).

O abuso sexual reporta as interações entre um adulto ou alguém mais velho pelo menos 5 anos (pode ocorrer entre crianças/adolescentes) e uma criança em que esta é utilizada como sexualmente gratificante para as necessidades e desejos da pessoa mais velha (Azevedo & Maia, 2006). O abuso sexual pode ser perpetuado de várias formas, como por exemplo, chamadas telefónicas obscenas, ameaça ao pudor, exibicionismo, toque nos órgãos sexuais, penetração, prostituição, exibição de fotografias ou filmes de carácter sexual, utilização de objetos para excitação, masturbação na presença da criança, exibição dos órgãos sexuais à criança, sedução verbal, entre outros. A investigação mostra que em mais de 80 % dos casos os autores destes abusos são conhecidos pela criança e em mais de 70% dos casos são membros da sua família (Azevedo & Maia, 2006).

Analisando as famílias com práticas negligentes, percebe-se que apresentam frequentemente um padrão estrutural desmembrado, onde é difícil definir-se a amostra, assim como a ideia de sentimento de pertença e de identidade familiar. A organização do sistema delimita-se pela confusão entre vários subsistemas, o conjugal, o parental, o fraternal e o filial, com uma forte dependência relacional mas fraca identidade familiar. Estas famílias têm uma visão individualista em que os membros funcionam cada um por si. Os papéis e estatutos de cada um não respondem a especificidades dos subsistemas levando a que a criança ou o adolescente fique desprotegido e entregue a si próprio. Os adultos do par parental nestas famílias ignoram as funções parentais e centram-se em si próprios e nas suas necessidades comprometendo as dos filhos, que ficam numa situação de negligência/abandono (Fergusson & Mullen, 1999; Ketring & Feinauer, 1999; Nichols & Schawart, 1998; Romans, Martin, & Mullen, 1997, citado em Alberto, 2008).

As famílias com práticas abusivas têm tendência a fechar-se ao exterior, percecionando as trocas com a comunidade como ameaçadoras. Estas famílias são caracterizadas por uma estrutura rígida quer nos limites entre subsistemas, quer na comunicação. Além disto, os adultos dificilmente aceitam as individualidades próprias de cada um, impondo o seu ponto de

vista de forma autoritária, considerando que os filhos são propriedade sua (Nichols & Schwartz, 1998; Wark, Kruczek, & Boley, 2003 citado em Alberto, 2008). Muitas vezes estes adultos abusivos foram eles próprios vítimas de abuso na sua infância, no entanto esta explicação não é considerada como condição suficiente (Ertem, Leventhal, & Dobbs, 2000; Scannapieco & Connell-Carrick, 2005 citado em Rodriguez & Tucker, 2011) uma vez que nem todos os pais que sofreram abusos são abusivos para com os seus filhos (Egeland, Jacobvitz, & Sroufe, 1988 citado em Rodriguez & Tucker, 2011).

As famílias em contextos de risco encontram desafios particularmente complexos pelos reduzidos recursos de que dispõem para o desempenho da sua função parental. Nos contextos de risco inserem-se as situações de pobreza, violência doméstica, abuso de substâncias, entre outros.

Um aspeto a ponderar é o de que a relação pais-filhos é influenciada por fatores próprios da criança. Segundo Belsky (1993), as características da vítima contribuem, em alguns casos, para promover a ocorrência dos comportamentos maltratantes. A idade da criança é percebida como um fator de risco, sendo as crianças mais novas mais vulneráveis ao abuso (Belsky, 1993). Algumas situações específicas podem tornar as crianças mais vulneráveis ao abuso e à negligência, nomeadamente o seu estado de dependência face ao adulto, a sua imaturidade, o seu menor estatuto físico e uma maior tolerância para este tipo de comportamentos (Finkelhor & Dzuiba-Leatherman, 1994). A vulnerabilidade destas crianças aumenta pelo facto de estarem mais indefesas e incapazes de estabelecer uma rede alargada de interações sociais significativas (Gelles, 1973). Relativamente ao tipo de abusos, as crianças parecem ser mais frequentemente vítimas de abuso físico, enquanto nos adolescentes predomina o abuso psicológico e o abuso sexual (Doueck et al., 1987). Alguns estudos revelam que estas crianças apresentam, desde a idade escolar, maior agressividade face aos pares e no seio da família, maiores dificuldades ao nível do autocontrolo e do equilíbrio afetivo-cognitivo, falhas nas competências sociais e dificuldades de realização escolar (Rieder & Cicchetti, 1989).

Algumas características dos pais também são apontadas como origem dos maus-tratos. Os problemas de tipo neuropsicológico, cognitivo, psicossomático ou físico (Conger, Burgess, & Barrett, 1979) têm sido associados ao abuso físico de crianças (Milner, 1998). O estilo atribucional, a reatividade negativa (Belsky, 1993), a sensibilidade, a responsividade (Crittenden, 1993) e a ausência de competências parentais (Hines, Kantor, & Holt, 2006), são também características dos progenitores associadas aos maus tratos infantis. Wolfe (1985), nas suas investigações, concluiu que não existem traços de personalidade específicos subjacentes ao maltrato dos filhos. No entanto, poderão haver algumas experiências de vida dos progenitores ou características de personalidade que favoreçam a emergência de situações desta natureza (Machado, 1996), nomeadamente experiências de violência na sua própria infância. Além disso, os estudos de Ochotorena e Madriaga (1989) demonstraram haver nestes indivíduos indicadores de baixa autoestima, reduzida autoconfiança e depressividade. Nos estudos de

Browne e Saqi (1988a) e de Kravitz e Drisoll (1983) foi possível concluir que os pais maltratantes têm expectativas pouco realistas acerca dos seus filhos, percebendo os comportamentos das crianças como ameaças à sua autoestima, geralmente fragilizada. Por outro lado, as dificuldades de desenvolvimento e a incapacidade ou impossibilidade da criança satisfazer as expectativas dos pais tornam-na vulnerável ao abuso. O comportamento da criança é interpretado como motivado por traços negativos (teimosia, preguiça) sendo percebida como pouco colaborante e rebelde, sendo-lhe atribuída uma responsabilidade que não lhe pertence (Machado, 1996). Apesar de não ser possível associar um determinado quadro psicopatológico ao maltrato (Knutson, 1995) as crianças filhas de progenitores com diagnóstico psiquiátrico apresentam maior risco de vitimização que as crianças filhas de pais saudáveis (Walker, Downey, & Bergman, 1989). O abuso de substâncias pelos pais é outro dos fatores que está fortemente associado aos maus-tratos de crianças (Magura & Laudet, 1996, citado em Bradshaw, Donohue, Cross, Urgelles, & Allen, 2011). Jones (2005, citado em Bradshaw et al. 2011) concluiu que 68% das crianças que eram maltratadas tinham mães que abusavam de álcool ou drogas.

Belsky (1993) refere que existem diferenças significativas entre pais não maltratantes e pais maltratantes no que diz respeito as práticas educativas parentais. Os pais maltratantes aplicam castigos físicos para influenciar o comportamento dos filhos, perdendo o controlo e transformando esse comportamento num ato mais agressivo, severo e repetitivo, afastando-se da intenção inicial (Vasta, 1982). Além disso, recorrem a estratégias de controlo, com base em castigos físicos e atos negativos (Lahey et al., 1984). Na origem deste tipo de reações parece estar a predisposição do adulto para a ansiedade, depressão e hostilidade, promovendo a transformação de um ato disciplinar em comportamento maltratante (Belsky, 1993).

As características das diversas famílias podem também potenciar os abusos e a negligência em crianças e adolescentes. O baixo nível socioeconómico, associado a fatores como o desemprego, falta de qualificação profissional, proporcionam carência económica, que está muitas vezes associada a maus tratos (Egeland, Jacobvitz, & Sroufe, 1988; Ochotorena et al., 1989), tal como os problemas de comunicação, dificuldades no controlo da agressividade ou interações perturbadas quer na relação pais-criança quer na relação conjugal (Milner, 1998; Renner & Slack, 2006).

No que concerne à estrutura familiar, a investigação tem revelado uma vulnerabilidade ao abuso intrafamiliar acentuada em crianças que pertencem a agregados monoparentais ou a agregados reconstruídos (Gelles, 1989), além de vários fatores de risco como, a separação precoce da mãe, a dimensão da família, acontecimentos de vida, estado psicológico da mãe, risco perinatal (Brown et al., 1998), maternidade na adolescência (Gelles, 1989), violência doméstica, violência extrafamiliar e detenções (Nair et al., 2003).

II - Objetivos

A presente investigação tem como objetivos:

- Avaliar se as práticas educativas parentais nas famílias da amostra da CPCJ (negligência e abuso) são significativamente diferentes das da amostra de Controlo (sem abuso nem negligência);
- Analisar se o funcionamento dos progenitores (BSI) e a pertença a cada um dos grupos da amostra (CPCJ vs CONTROLO) são preditores do tipo de práticas educativas parentais na perspetiva dos pais (EMBU);
- Verificar se as práticas educativas parentais medidas pelo EMBU na perspetiva dos pais são predictoras do ajustamento psicossocial dos filhos - crianças e adolescentes (CBCL);
- Analisar se o funcionamento dos progenitores (BSI) e a pertença a cada um dos grupos da amostra (CPCJ vs CONTROLO) são preditores do ajustamento psicossocial das crianças e adolescentes (CBCL);
- Identificar se o ajustamento psicossocial (YSR) e as práticas educativas parentais na perspetiva das crianças/adolescentes são diferentes em função das duas amostras (CPCJ vs CONTROLO).

III - Metodologia

3.1. Amostra

Participaram nesta investigação, de forma voluntária e informada, 30 famílias sinalizadas nas CPCJ de Coimbra, Castelo Branco, Sertã e Fundão e 30 famílias da população geral, numa amostragem por conveniência, fazendo um total de 149 sujeitos, tendo sido solicitada a participação de pais (pai/mãe) com filhos entre os 7-16 anos. De todos os participantes, 77 pertencem à amostra de controlo (população geral) e os restantes 72 pertencem a amostra da CPCJ. A recolha dos dados foi realizada entre Novembro de 2011 e Abril de 2012.

No sentido de controlar possíveis influências de variáveis sociodemográficas tentou organizar-se a amostra de controlo de acordo com as características das famílias da amostra da CPCJ. Para verificar se essa equivalência nestas variáveis foi conseguida, realizaram-se testes de Qui-quadrado.

3.1.1. Amostra dos Pais/Cuidadores

De acordo com a Tabela 1 (*cf.* Anexo 2) verifica-se que considerando o *sexo*, na amostra de controlo 29 sujeitos (61.7%) são do sexo feminino e 18 (38.3%) do sexo masculino, enquanto na amostra CPCJ 28 sujeitos (66.7%) são do sexo feminino e 14 (33.3%) são do sexo masculino.

Analisando distribuição por sexo nas duas amostras verifica-se que as mesmas são equivalentes ($\chi^2(1) = 0.237, p=.626$) (cf. Tabela 2, Anexo 2).

Relativamente às *habilidades literárias*, na amostra de controlo 1 dos participantes tem escolaridade inferior ao 4º ano, 10 (21.3%) têm o 4º ano, 18 (38.3%) possuem o 6º ano, 13 (27.6%) concluíram o 9º ano, 4 (8.5%) o 12º ano e 1 o ensino superior. Na amostra da CPCJ, 2 (4.8%) dos participantes têm escolaridade inferior ao 4º ano, 9 (21.4%) concluíram o 4º ano, 10 (23.8%) possuem o 6º ano, 15 (35.7%) o 9º ano, 5 (11.9%) o 12º ano e 1 (2.4%) o ensino superior. As duas amostras são equivalentes no que diz respeito ao grau de instrução ($\chi^2(5) = 2.653, p=.809$) (cf. Tabela 3, Anexo 2).

Quanto às *formas de família*, na amostra de controlo 39 (82.9%) sujeitos são de famílias nuclear intactas, 2 (4.2%) de famílias pós-divórcio, 5 (10.6%) de famílias monoparentais e uma família é reconstituída. Na amostra CPCJ, 26 (61.9%) são de famílias nucleares intactas, 4 (9.5%) de famílias pós-divórcio, 10 (23.8%) de famílias monoparentais e 2 (4.8%) famílias reconstituídas. As distribuições por formas de família entre as duas subamostras não são estatisticamente significativas ($\chi^2(3) = 5.002, p=.169$) (cf. Tabela 4, Anexo 2).

Relativamente ao *nível socioeconómico*², na amostra de controlo 30 sujeitos (80.9%) integram o nível baixo e 9 (19.1%) o nível médio. Na amostra CPCJ, 32 (76.2%) dos sujeitos pertencem ao nível baixo, 9 (21.4%) ao nível médio e 1 ao nível elevado. As duas amostras são equivalentes no que diz respeito à distribuição por nível socioeconómico ($\chi^2(2) = 1.237, p=.696$) (cf. Tabela 5, Anexo 2).

Em relação ao *número de filhos* em cada família, na amostra de controlo 17 (36.2%) dos participantes tem 1 filho, 21 (44.7%) tem 2 filhos, 9 (19.1%) tem 3 filhos e nenhum dos participantes tem mais de 3 filhos. Na amostra de CPCJ, 23 (54.8%) dos participantes tem 1 filho, 11 (26.2%) tem 2 filhos, 6 (14.3%) tem 3 filhos e 2 (4.8%) tem mais de 3 filhos. As duas amostras não são estatisticamente diferentes no que diz respeito ao número de filhos ($\chi^2(3) = 6.364, p=.077$) (cf. Tabela 6, Anexo 2). Foi realizado o teste do Qui-quadrado porque o número de filhos foi organizado por categorias.

Considerando a Tabela 7 (cf. Anexo 2) verifica-se que a *Idade dos progenitores*, na amostra de controlo varia entre os 32 e os 57 anos ($M=41.23; DP=5.821$). Na amostra CPCJ a idade dos indivíduos varia entre os 26 e os 61 anos ($M=43.29; DP=7.276$). De acordo com o teste t de *student* [$t_{(87)} = -1.476, p=.144$] não há diferenças estatisticamente diferentes entre as médias de idade nas duas subamostras.

3.1.2. Amostra Crianças/Adolescentes

Analisando agora as características dos filhos, conforme a Tabela 8 (cf. Anexo 2) considerando o *sexo*, na amostra de controlo 13 sujeitos (43.3%) são do sexo feminino e 18 (56.7%) são do sexo masculino, enquanto na

² Classificação de nível socioeconómico de Simões (1994).

amostra CPCJ 15 (50%) são do sexo feminino e 15 (50%) são do sexo masculino. Analisando as distribuições nas amostras relativamente ao sexo verifica-se que são equivalentes ($\chi^2(1) = 0.268, p=.605$) (cf. Tabela 9, Anexo 2).

Relativamente às *habilitações literárias*, na amostra de controlo 6 (20%) dos participantes estão entre o 1º-3º anos, 5 (16.7%) frequentam o 4º ano, 7 (23.3%) estão no 6º ano, 10 (33.3%) no 9º ano e 2 (6.7%) no 12º ano. Na amostra da CPCJ 8 (26.7%) dos participantes frequentam entre o 1º-3º anos 4º ano, 2 (6.7%) estão no 4º ano, 11 (36.7%) frequentam o 6º ano, 7 (23.3%) o 9º ano e 2 (6.7%) o 12º ano. As duas amostras são equivalentes no que diz respeito à distribuição da frequência de ano de escolaridade ($\chi^2(4) = 2.990, p=.562$) (cf. Tabela 10, Anexo 2).

Nas duas amostras a *idade dos filhos* varia entre os 7-16 anos, na amostra de controlo a média é 11.33 (DP=2.708) e na amostra CPCJ a média é 11.67 (DP=3.133). O valor de t de *Student* obtido [$t_{(58)} = -.441, p=.661$], mostra que não há diferenças significativas (cf. Tabela 11, Anexo 2).

Analisando a tipo de maltrato na amostra da CPCJ verifica-se que 20 (33.3%) das crianças/adolescentes são vítimas de negligência, 6 (10%) são vítimas de abuso psicológico, 4 (6.7%) são vítimas de abuso físico. A amostra de controlo integra 30 crianças/adolescentes sem abuso/negligência (cf. Tabela 12, Anexo 2).

3.2. Instrumentos

O protocolo de investigação é constituído por 2 versões (uma para pais; outra para crianças dos 7-16 anos), que serão apresentadas separadamente. Como o protocolo era administrado a famílias, tinha em comum uma breve explicação da investigação, a folha de consentimento informado e autorização dos pais para administrar as escalas aos filhos, um questionário de dados sociodemográficos e depois, em função do grupo etário, o respetivo conjunto de escalas, todas de autorrelato.

O protocolo administrado aos pais inclui: O Questionário de Avaliação da Perceção das Práticas Parentais (EMBU) – versão pais, o Inventário de Sintomas Psicopatológicos – BSI, o Inventário de Competências Sociais e de Problemas do Comportamento em Crianças e Adolescentes – CBCL. O protocolo administrado aos filhos inclui: O Questionário de Avaliação da Perceção das Práticas Parentais (EMBU) – versão crianças/adolescentes e o Inventário de Problemas do Comportamento para Crianças e Adolescentes – YSR.

3.2.1. Protocolo para os pais

Questionário de Dados Sociodemográficos

Este questionário pretende recolher informações relativas a: sexo, idade, nacionalidade, estado civil, escolaridade, parentesco, agregado

familiar, profissão e idade dos pais, etapas do ciclo vital, formas de família e o nível socioeconómico.

Questionário de Avaliação da Perceção das Práticas Parentais (EMBU) – versão Pais (M. C. Canavarro, A. I. Pereira & J. M. P. Canavarro, 2005; Versão Original de J. Castro, 1993)

O EMBU-Pais (Canavarro, Pereira, & Canavarro, 2005)³ é um instrumento que tem como objetivo avaliar a perceção dos progenitores das suas próprias práticas parentais relativamente aos filhos, que integra 42 itens, avaliados numa escala de *Likert* de 4 pontos que vai desde “Não, nunca” a “Sim, sempre”, organizados em três dimensões: *Suporte Emocional* (14 itens) – traduz a expressão verbal e física de suporte afetivo por parte dos pais, a aceitação parental e a disponibilidade física e psicológica dos pais; *Rejeição* (17 itens) – expressa por manifestações de hostilidade/agressão verbal e física e a não-aceitação da criança; e *Tentativa de Controlo* (11 itens) – descreve intenções e ações dos pais que visam controlar o comportamento das crianças, manifestações de exigência em relação a esta e preocupações com o seu bem-estar. A estrutura fatorial da versão portuguesa do EMBU-Pais foi determinada através da análise de componentes principais, com rotação Varimax. Os resultados revelaram uma estrutura de três fatores, praticamente equivalente à versão original (Canavarro & Pereira, 2007).

De forma a averiguar a fiabilidade do EMBU-Pais realizaram-se análises de consistência interna, bem como análises de estabilidade temporal para as diferentes subescalas, considerando separadamente as respostas fornecidas pelas mães e pelos pais. Os valores do coeficiente *alpha de Cronbach* são aceitáveis para fins de investigação variando entre .71 e .82, sendo semelhantes ao obtido por Castro et al. (1997, citado em Canavarro & Pereira, 2007).

Estudos de Precisão

No presente estudo analisou-se a consistência interna de forma independente para cada uma das amostras: CPCJ e Controlo. Na amostra de Controlo, o *alpha de Cronbach* obtido para a escala total foi de .858 (*cf.* Tabela 13, Anexo3), um índice considerado bom. O valor médio da pontuação total da escala é de 106.13 (DP= 12.181) (*cf.* Tabela 14, Anexo 3). Os itens 21 ($r = .089$) e 22 ($r = -.018$) apresentam correlações muito baixas com a escala total, no entanto atendendo ao valor do *alpha de Cronbach* a retirada de qualquer um destes itens não iria influenciar

³ A sigla EMBU (*Egna Minnen av Barndoms Uppfostram*) resulta da versão original desenvolvida por Perris e colaboradores (1980 citado em Canavarro & Pereira, 2007) que tinha como objetivo avaliar as memórias de adultos relativamente ao comportamento parental dos seus pais (Canavarro & Pereira, 2007).

significativamente a consistência interna da escala (cf. Tabela 15, Anexo3). Na amostra CPCJ, o *alpha de Cronbach* obtido para a escala total foi de .735 (cf. Tabela 16, Anexo 3) considerado razoável. A pontuação total da escala apresenta um valor médio de 105.39 (DP=10.238) (cf. Tabela 17, Anexo3). Os itens 25 (r =.052), 29 (r =.074),30 (r =.069),31 (r = -.053), 34 (r = -.029) e 40 (r =.075) apresentam correlações muito baixas com a escala total. Tal como na amostra de Controlo, a retirada de qualquer item não influenciaria significativamente a consistência interna da escala (cf. Tabela 18, Anexo 3). Os valores de consistência interna obtidos nas duas subamostras enquadram-se nos valores indicados por outros estudos (Canavarro & Pereira, 2007).

Além disso, calculou-se a consistência interna para as subescalas do EMBU versão pais⁴ (Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo). Relativamente a subescala Suporte Emocional o *alpha de Cronbach* obtido foi de .872 (cf. Tabela 19, Anexo3), um índice considerado bom. O valor médio da pontuação da subescala Suporte Emocional é de 44,45 (DP= 6,496) (cf. Tabela 20, Anexo 3). Os itens da subescala apresentam uma boa correlação com o total da escala (cf. Tabela 21, Anexo3).

No que diz respeito a subescala Rejeição o *alpha de Cronbach* obtido foi de .848 (cf. Tabela 22, Anexo3), um índice considerado bom. O valor médio da pontuação da subescala Rejeição é de 31,14 (DP= 7,241) (cf. Tabela 23, Anexo 3). Os itens da subescala apresentam uma boa correlação com o total da escala (cf. Tabela 24, Anexo3).

O *alpha de Cronbach* obtido para a subescala Tentativa de Controlo foi de .732 (cf. Tabela 25, Anexo 3) considerado razoável. A pontuação total da escala apresenta um valor médio de 29,91 (DP=4,896) (cf. Tabela 26, Anexo3). Os itens da subescala apresentam uma boa correlação com o total da escala (cf. Tabela 27, Anexo3).

BSI (Derogatis, 1993; Versão portuguesa Canavarro, 1995)

O Inventário Breve de Sintomas (BSI-Brief Symptoms Inventory) de Derogatis (1982) é um inventário de auto-resposta constituído por 53 itens, onde o indivíduo deverá classificar o grau em que cada problema o afetou durante a última semana, numa escala Likert (desde “nunca” a “muitíssimas vezes”). Este inventário avalia sintomas psicopatológicos em 9 dimensões básicas: *somatização, obsessões-compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranóide e psicoticismo*. Além disto, é possível calcular 3 índices globais, o Índice Geral de Sintomas (IGS), o Índice de Sintomas Positivos (ISP) e o Total de Sintomas Positivos (TSP). Estes índices permitem determinar severidade dos sintomas emocionais (Canavarro, 2007). A sua versão original apresenta boas características psicométricas com *alpha de Cronbach* variando entre .71 (psicoticismo) e .85 (depressão) (Degoratis & Spencer, 1982 citado em Canavarro, 1999). Os estudos psicométricos efetuados com a versão

⁴ Atendendo aos valores de consistência interna obtidos para a escala total em cada uma das amostras serem bastante bons, para as subescalas procedeu-se a esta análise considerando o total da amostra

portuguesa (Canavarro, 1999) revelaram que este instrumento apresenta níveis de consistência interna com valores *alpha de Cronbach* entre .62 (psicoticismo) e .80 (somatização) e coeficientes teste-reteste entre .63 (ideação paranóide) e .81 (depressão) sendo ainda eficaz na discriminação de sujeitos com alterações do foro emocional e sujeitos psicologicamente adaptados (Canavarro, 1999).

Estudos de precisão

Neste estudo, relativamente à amostra de Controlo, obteve-se uma consistência interna muito boa, sendo que o valor de coeficiente *alpha de Cronbach* encontrado é de .972 (*cf.* Tabela 28, Anexo 3). O valor médio do total da escala é de 90.0 (DP=29.69) (*cf.* Tabela 29, Anexo 3). Todos os itens da escala apresentam uma boa correlação com a escala total (*cf.* Tabela 30, Anexo 3). Na amostra CPCJ o valor de *alpha de Cronbach* obtido para a escala total foi de .984 (*cf.* Tabela 31, Anexo 3), ou seja, nesta amostra, a consistência interna do BSI é considerada muito boa. O total da escala apresenta um valor médio de 86.68 (DP=34.08) (*cf.* Tabela 32, Anexo 3). Os itens da escala apresentam uma boa correlação com o total da escala (*cf.* Tabela 33, Anexo 3).

CBCL - *Child Behaviour Checklist* (Achenbach & Edelbrock, 1983; Achenbach, 1991; Fonseca et al., 1994)

Originalmente desenvolvido por Achenbach (1991), este questionário foi adaptado e aferido para a população portuguesa em 1994 (Fonseca, Simões, Rebelo, Ferreira, & Cardoso, 1994). Constitui uma medida de avaliação do ajustamento psicossocial e dos problemas de comportamento da criança e do adolescente com base na informação fornecida pelos pais, ou seus substitutos. Os itens que a compõem distribuem-se por duas secções principais. A primeira consta de 20 questões relativas às competências do indivíduo em diferentes áreas. A segunda parte é composta por 120 itens (sendo dois deles itens abertos) sobre diversos problemas do comportamento registados numa escala de avaliação de *Likert* constituída por três pontos, com os pontos extremos (2 – “Frequentemente verdadeiro”, 0 – “Não é verdadeiro”) e um ponto central (1 – “Algumas vezes verdadeiro”). A avaliação diz respeito aos últimos seis meses. Da cotação do inventário podem ser obtidos três tipos de resultados: um resultado global, um resultado específico para cada uma de nove escalas (*Escala de Oposição, Escala de Agressividade, Escala de Hiperatividade/Problemas de atenção, Escala de Depressão, Escala de Problemas Sociais, Escala de Queixas Somáticas, Escala de Isolamento, Escala de Ansiedade, Escala Obsessivo – Esquizoide*) e um resultado para cada um de dois “clusters” (problemas de comportamento externalizante e problemas de comportamento internalizantes). Os diversos estudos efetuados tanto nos EUA como noutros países têm revelado boas qualidades psicométricas do CBCL (Fonseca et al., 1994). Este instrumento possui uma consistência interna aceitável variando o

alpha entre .61 a .83, valores referentes à amostra portuguesa (Fonseca et al., 1994). Além disso, apresenta boa estabilidade temporal em intervalos de um e dois anos (de .56 a .75) (Achenbach, 1991 citado em Fonseca et al., 1994).

Estudos de precisão

Neste estudo, na amostra de Controlo obteve-se uma consistência interna muito boa com o coeficiente *alpha de Cronbach* de .937 (cf. Tabela 34, Anexo 3). O valor médio do total da escala é de 30.74 (DP=18.74) (cf. Tabela 35, Anexo 3). Alguns dos itens, como por exemplo, o item 2 ($r = .056$), o item 15 ($r = .057$), da escala apresentam correlações muito baixas com o total da escala, apesar disso, verificou-se que a retirada destes itens não influenciaria a consistência interna da escala (cf. Tabela 36, Anexo 3). Na amostra CPCJ o *alpha de Cronbach* obtido para a escala total foi de .993 (cf. Tabela 37, Anexo 3), apresentando a escala uma consistência interna muito boa. O total da escala apresenta um valor médio de 49.33 (DP=53.79) (cf. Tabela 38, Anexo 3). Todos os itens da escala apresentam uma boa correlação com o total da escala (cf. Tabela 39, Anexo 3).

3.2.2. Protocolo para os filhos – crianças/adolescentes

EMBU-C (Canavarro & Pereira, 2007)

O EMBU-C pretende avaliar a percepção que as crianças têm dos estilos parentais educativos dos progenitores, sendo a avaliação realizada separadamente para o pai e para a mãe. A versão portuguesa deste questionário foi adaptada e traduzida para crianças entre os 8 e os 11 anos. É constituído por 32 itens respondidos numa escala de *Likert* de 4 pontos onde o 1 corresponde a “Não, nunca” e o 4 a “Sim, sempre”. A estrutura fatorial da versão portuguesa replica a estrutura fatorial da versão original de Castro et al. (1993), com três fatores - *Suporte Emocional* (14 itens) que se refere à disponibilidade afetiva e físicas dos progenitores, à comunicação dos afetos e a comportamentos que manifestem a aceitação da criança por parte dos pais, *Rejeição* (8 itens) integra manifestação de hostilidade física e verbal e comportamentos de rejeição para com a criança, e *Tentativa de Controlo* (10 itens) correspondente a comportamentos que têm por objetivo o controlo do comportamento da criança, visam a adesão do comportamento desta às expectativas dos pais, com recurso, a estratégias de indução de culpa, e a comportamentos de sobreprotecção.

No estudo de Canavarro e Pereira (2007) os valores do coeficiente *alpha de Cronbach* encontrados variam entre .62 e .85, considerados aceitáveis para efeitos de investigação.

Estudos de precisão

No presente estudo, na amostra de Controlo obteve-se uma boa consistência interna com um coeficiente *alpha de Cronbach* de .822 (cf.

Tabela 40, Anexo 3). O valor médio do total da escala é de 85.65 (DP=11.87) (cf. Tabela 41, Anexo 3). Os itens 2 ($r = -.025$), 26 ($r = .052$) e 31 ($r = -.069$) apresentam correlações muito baixas com a escala total, no entanto, verifica-se que a retirada dos mesmos não influenciaria a consistência da escala total (cf. Tabela 42, Anexo 3). Na amostra CPCJ o valor do *alpha de Cronbach* obtido para a escala total foi de .932 (cf. Tabela 43, Anexo 3), ou seja, nesta amostra, a consistência interna do EMBU-C é considerada muito boa. O total da escala apresenta um valor médio de 71.75 (DP=18.89) (cf. Tabela 44, Anexo 3). Alguns dos itens apresentam correlações muito baixas com o total da escala, nomeadamente os itens 18 ($r = -.059$) e 28 ($r = .096$) no entanto, verifica-se que a retirada de qualquer um dos itens não influenciaria a consistência interna da escala total (cf. Tabela 45, Anexo 3).

Calculou-se também a consistência interna para as subescalas do EMBU versão Crianças⁵ (Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo). Relativamente a subescala Suporte Emocional o *alpha de Cronbach* obtido foi de .936 (cf. Tabela 46, Anexo3), um índice considerado elevado. O valor médio da pontuação da subescala Suporte Emocional é de 40,86 (DP= 10,80) (cf. Tabela 47, Anexo 3). Os itens da subescala apresentam uma boa correlação com o total da escala (cf. Tabela 48, Anexo3).

No que diz respeito a subescala Rejeição o *alpha de Cronbach* obtido foi de .633 (cf. Tabela 49, Anexo3), um índice aceitável. O valor médio da pontuação da subescala Rejeição é de 13,64 (DP= 3,74) (cf. Tabela 50, Anexo 3). O item 11 ($r = .079$), apresenta uma correlação baixa com a subescala Rejeição, no entanto, verifica-se que a retirada do mesmo não influenciaria a consistência da escala total (cf. Tabela 51, Anexo3).

O *alpha de Cronbach* obtido para a subescala Tentativa de Controlo foi de .751 (cf. Tabela 52, Anexo 3) considerado razoável. A pontuação total da escala apresenta um valor médio de 23,64 (DP=6,29) (cf. Tabela 53, Anexo3). O item 18 ($r = .002$), apresenta uma correlação baixa com a subescala Tentativa de Controlo, no entanto, verifica-se que a retirada do mesmo não influenciaria a consistência da escala total (cf. Tabela 54, Anexo3).

EMBU-A (Lacerda Almeida, 2005)

Gerlisma, Arrindell, Van Der Veen e Emmelkamp (1991, citado em Lacerda, 2005) desenvolveram o EMBU-A para avaliar a perceção dos adolescentes relativamente à frequência de ocorrência de determinadas práticas educativas por parte dos seus progenitores, respondendo separadamente para cada um deles. Lacerda (2005) traduziu e adaptou a versão portuguesa deste questionário para jovens entre os 12 e os 17 anos. O EMBU-A é constituído por 48 itens que devem ser respondidos numa escala

⁵ Uma vez que a amostra é reduzida (N=22), optamos por fazer o cálculo da consistência interna para as subamostras com o N total e não se dividiu entre pai e mãe. Tal como na amostra dos pais, dada a qualidade da consistência interna da escala total, nas subescalas realizou-se o *alpha de Cronbach* apenas para a amostra total

de *Likert* de 4 pontos que vai desde 1 – “Sim, a maior parte do tempo” a 4 – “Não, nunca”, para cada um dos elementos do par parental. Os itens distribuem-se por três fatores, nomeadamente, *Suporte Emocional*, relacionado com a expressão de amor, apoio emocional e aprovação, *Sobreproteção*, que diz respeito às regras e normas rígidas impostas pelos pais e ao controlo excessivo por parte destes, e *Rejeição* que remete para as práticas dos pais que pretendem modificar o comportamento dos filhos, sentida por estes como uma pressão para se comportarem de acordo com o desejo destes. Estas práticas vão desde os castigos físicos, privação de objetos ou de privilégios ou ainda aplicação direta da força com o objetivo de influenciar o comportamento do filho, sem consideração pelo ponto de vista deste e das suas necessidades. A adaptação portuguesa deste questionário revelou características psicométricas superiores às registadas no instrumento original, variando a consistência interna (*alpha de Cronbach*) entre os 0.73 e os 0.94 (Lacerda, 2005).

Estudos de precisão

No estudo, no que diz respeito ao amostra de Controlo, o EMBU-A tem uma boa consistência interna, com um coeficiente *alpha de Cronbach* de .882 (*cf.* Tabela 55, Anexo 3) para a escala total. O total da escala apresenta um valor médio de 123.24 (DP=16.14) (*cf.* Tabela 56, Anexo 3). Os itens 6 ($r = -.029$), 7 ($r = -.075$), 11 ($r = .050$), 12 ($r = .089$) e 21 ($r = -.025$) apresentam correlações muito baixas com o total da escala, apesar disso, atendendo ao valor do *alpha* verifica-se que a consistência interna da escala não seria afetada com a retirada de qualquer um destes itens (*cf.* Tabela 57, Anexo 3). Na amostra CPCJ, o *alpha de Cronbach* obtido para a escala total foi de .869 (*cf.* Tabela 58, Anexo 3), ou seja, a consistência interna é considerada boa. O valor médio do total da escala é de 123.0 (DP=17.847) (*cf.* Tabela 59, Anexo 3). Alguns dos itens apresentam correlações muito baixas com a escala total, nomeadamente os itens 6 ($r = .001$), 8 ($r = .048$), 21 ($r = .014$), 26 ($r = -.070$), 32 ($r = -.007$) e 39 ($r = .066$), no entanto, a retirada de qualquer um destes itens não influenciaria a consistência interna da escala total (*cf.* Tabela 60, Anexo 3).

Além disso, calculou-se a consistência interna para as subescalas do EMBU versão Adolescentes (Suporte Emocional, Sobreproteção e Rejeição), todavia, para esta análise integraram-se todos os adolescentes da amostra. Relativamente a subescala Suporte Emocional o *alpha de Cronbach* obtido foi de .952 (*cf.* Tabela 61, Anexo3), um índice considerado elevado. O valor médio da pontuação da subescala Suporte Emocional é de 36,03 (DP= 13,43) (*cf.* Tabela 62, Anexo 3). Os itens da subescala apresentam uma boa correlação com o total da escala (*cf.* Tabela 63, Anexo3).

O *alpha de Cronbach* obtido para a subescala Sobreproteção foi de .660 (*cf.* Tabela 64, Anexo 3) considerado razoável. A pontuação total da escala apresenta um valor médio de 40,42 (DP= 6,16) (*cf.* Tabela 65, Anexo3). Os itens da subescala apresentam uma boa correlação com o total da escala (*cf.* Tabela 66, Anexo3).

No que diz respeito a subescala Rejeição o *alpha de Cronbach* obtido foi de .918 (cf. Tabela 67, Anexo3), um índice elevado. O valor médio da pontuação da subescala Rejeição é de 65,69 (DP= 9,64) (cf. Tabela 68, Anexo 3). Os itens da subescala apresentam uma boa correlação com o total da escala (cf. Tabela 69, Anexo3).

Youth Self Report - YSR (Achenbach & Edelbrock, 1987; Achenbach, 1991; Fonseca et al., 1999)

O questionário Youth Self-Report (YSR), derivado do Child Behavior Checklist (CBCL) é um questionário de autoavaliação que pretende descrever e avaliar as competências sociais e os problemas de comportamento da criança/adolescente, tal como são percebidos por estes. Pode ser preenchido por sujeitos entre os 11 e os 18 anos, e é composto por uma descrição simples de comportamentos problemáticos da criança/adolescente, que estes devem cotar com 0 (a afirmação não é verdadeira), 1 (a afirmação é algumas vezes verdadeira) ou 2 (a afirmação é muito verdadeira), tendo em conta os últimos 6 meses. Os itens do YSR foram elaborados de forma a obter-se a percepção do jovem em relação às suas competências e/ou dificuldades individuais ou grupais (Fonseca & Monteiro, 1999). Os 112 itens que se referem a comportamentos problemáticos congregam-se em 6 fatores, nomeadamente: *Comportamento Antisocial, Problemas de Atenção/Hiperatividade, Ansiedade/Depressão, Isolamento, Queixas Somáticas, e Problemas de Pensamento*. Uma análise fatorial de segunda ordem revelou a existência de dois grandes fatores interpretáveis, uma escala designada de problemas de expressão exteriorizada (corresponde as escalas de Comportamento Antisocial e de Problemas de Atenção) e uma designada de problemas emocionais ou de expressão interiorizada (engloba as escalas Ansiedade/Depressão, Isolamento e Queixas Somáticas).

Quanto a consistência interna do YRS, com exceção da escala de Queixas Somáticas, os *alphas de Cronbach* são todos satisfatórios variando entre .70 e .80 (Fonseca & Monteiro, 1999).

Estudos de precisão

Neste estudo, na amostra de Controlo obteve-se uma consistência interna muito boa com o coeficiente *alpha de Cronbach* de .908 (cf. Tabela 70, Anexo 3). O valor médio do total da escala é de 55.75 (DP=18.02) (cf. Tabela 71, Anexo 3). Verificou-se que alguns itens (e.g. os itens 4 (r =.029), 22 (r =.065), 29 (r =.040), 54 (r =.049), 79 (r =.062), entre outros) apresentam correlações muito baixas com o total da escala, no entanto, a retirada deste não influenciaria significativamente a consistência interna (cf. Tabela 72, Anexo 3). Na amostra CPCJ o valor do *alpha de Cronbach* obtido para a escala total foi de .920 (cf. Tabela 73, Anexo 3), ou seja, nesta amostra, a consistência interna do YSR é considerada muito boa. O total da escala apresenta um valor médio de 71.71 (DP=21.75) (cf. Tabela 74, Anexo

3). Alguns dos itens (e.g. os itens 1 ($r = -.041$), 3 ($r = -.004$), 8 ($r = -.006$), entre outros) apresentam correlações muito baixas com o total da escala, no entanto, verifica-se que a retirada de qualquer um dos itens não influenciaria a consistência interna (*cf.* Tabela 75, Anexo 3).

3.3. Procedimentos

Na recolha de dados, começou-se por dar informações sobre o projeto de investigação às CPCJ e a famílias da população geral. Nas CPCJ que aceitaram colaborar, procedeu-se ao contacto com as famílias sinalizadas e era-lhes igualmente explicado o projeto de investigação. Informaram-se todos os elementos das famílias que aceitaram participar os princípios éticos da investigação, nomeadamente da confidencialidade e anonimato.

Assim, a amostragem foi por conveniência.

Na amostra da população geral, recolhida por vários estudantes do MI da FPCE-UC que resultou numa base alargada de sujeitos, selecionaram-se as famílias que correspondiam às da amostra da CPCJ a nível das variáveis sociodemográficas para tentar ter duas amostras equivalentes.

Na análise estatística, depois de avaliadas as qualidades psicométricas dos instrumentos de avaliação incluídos no protocolo e destes se terem revelado adequados a nível da consistência interna, procedeu-se à realização de testes estatísticos em função do tamanho das subamostras.

IV - Resultados

A análise de resultados do estudo empírico foi executada na sua totalidade com recurso ao *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 20.0 for Windows*. Para facilitar a organização da análise dos resultados, estruturámo-la considerando os objectivos.

Avaliar se as práticas educativas parentais nas famílias da amostra da CPCJ (negligência e abuso) são significativamente diferentes das da amostra de Controlo (sem abuso nem negligência)

De forma a avaliar as diferenças entre os resultados médios da amostra de Controlo e da amostra da CPCJ, calculou-se o teste *t-Student* para amostras independentes considerando-se estatisticamente significativas as diferenças entre médias cujo *p-value* do teste foi inferior ou igual a .05. O pressuposto da homogeneidade de variâncias foi avaliado com o teste de Levene.

No que respeita às práticas educativas parentais, como é possível verificar na Tabela 76 (*cf.* Anexo 4) não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as duas amostras, no entanto, é possível verificar que na subescala Suporte Emocional a média é mais elevada na amostra da CPCJ ($M = 44,90$, $DP = 8,24$), contrariamente às subescalas Rejeição e Tentativa de Controlo onde as médias são mais elevadas na

amostra de Controlo (M= 31.20, DP= 6.91; M= 30.77, DP= 5.16, respetivamente) (cf. Tabela 77, Anexo 4).

Analisar se o funcionamento dos progenitores (BSI) e a pertença a cada um dos grupos da amostra (CPCJ vs CONTROLO) são preditores do tipo de práticas educativas parentais na perspetiva dos pais (EMBU)

Realizou-se o teste de regressão linear múltipla para verificar se o funcionamento dos pais, medido através do BSI e a pertença à amostra da CPCJ ou de Controlo, são preditores das práticas educativas parentais. Numa análise prévia através do teste *t - student*, verificou-se que apenas a subescala Ideação Paranóide do BSI, apesar de não registar diferenças significativas em função das duas amostras, se encontrava no limiar do $p < .05$. No que respeita às restantes subescalas do BSI não se verificaram diferenças estatisticamente significativas.

Assim, da análise da *regressão linear múltipla* tendo como VD o *Suporte* do EMBU-Pais e como VIs a subescala Ideação Paranóide do BSI e o grupo (CPCJ vs Controlo), verifica-se que o modelo obtido permite explicar 8% da variância total, ficando 92% por explicar (cf. Tabela 78, Anexo 4). O valor da Anova [$F_{(2,84)} = 4,505$; $p = .014$; $R_a^2 = .075$] indica que o modelo se reveste de significância estatística (cf. Tabela 78, Anexo 4). A variável Ideação Paranóide do BSI [$\beta = -.310$; $t_{(84)} = -2.936$; $p = .004$] é a que surge com capacidade de prever a prática educativa parental *Suporte* (cf. Tabela 78, Anexo 4).

Considerando como VD a *Rejeição* do EMBU-Pais mantendo as VIs, 12% da variabilidade total da VD é explicada pelas VIs presentes no modelo, ficando 88% por explicar (cf. Tabela 79, Anexo 4). O valor da Anova [$F_{(2,83)} = 6.8$; $p = .002$; $R_a^2 = .12$] indica que o modelo se reveste de significância estatística (cf. Tabela 79, Anexo 4). A variável Ideação Paranóide do BSI [$\beta = .382$; $t_{(83)} = 3.687$; $p = .000$] é a que surge com capacidade de prever a prática educativa parental *Rejeição* (cf. Tabela 79, Anexo 4).

No que diz respeito à variável *Tentativa de Controlo* o modelo obtido explica apenas 2,8% da variabilidade dos resultados, ficando 97,2% por explicar remetendo para um modelo com um fraca qualidade de ajustamento (cf. Tabela 80, Anexo 4). O valor da Anova apresenta-se como não significativo, ou seja, o modelo não se reveste de significância estatística [$F_{(2,83)} = 2,242$; $p = .113$; $R_a^2 = .028$] (cf. Tabela 81, Anexo 4), evidenciando que nenhuma das variáveis independentes parece ter valor preditivo na subescala *Tentativa de Controlo* do EMBU-Pais.

Verificar se as práticas educativas parentais medidas pelo EMBU na perspetiva dos pais são preditoras do ajustamento psicossocial dos filhos - crianças e adolescentes (CBCL)

Para realizar o teste de regressão linear, procedeu-se primeiro ao teste *t-Student* para identificar as subescalas do CBCL em que as duas amostras

(CPCJ e Controlo) registavam diferenças estatisticamente significativas, emergindo três subescalas com diferenças, designadamente: Agressividade [t(51.038)⁶= -2.318, p= .025], Depressão [t(56.079)= -2.295, p= .025] e Somatização [t(57.552)= -2.011, p= .049]. O total do CBCL obteve um valor [t(37,990)= -1.899, p= .065], que sendo superior a p<.05 é próximo e decidiu-se analisá-lo também. As médias nestas três subescalas e no valor total do CBCL são superiores na amostra da CPCJ comparativamente à amostra de controlo (cf. Tabela 76, Anexo 4).

Tendo por base o critério das variáveis que obtiveram diferenças significativas entre as duas amostras, realizou-se a regressão linear múltipla para a escala total e subescalas do CBCL tendo como variáveis independentes as subescalas do EMBU versão pais (Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo) que avaliam as práticas educativas parentais, no sentido de perceber até que ponto estas últimas predizem o ajustamento psicossocial dos filhos.

Considerando o valor *total do CBCL (VD)*, o modelo obtido explica 38,6 % da variabilidade dos resultados (cf. Tabela 82, Anexo 4). O valor da Anova apresenta-se como significativo [F_(3,66) =15,489; p=.000; R_a²=.386] (cf. Tabela 82, Anexo 4). Esta análise identifica apenas a variável Rejeição [β =.541; t₍₆₆₎ =4,480; p=.000] com valor preditivo significativo da variável dependente (cf. Tabela 82, Anexo 4).

No que diz respeito à subescala *Agressividade* do CBCL (VD), verificou-se que o modelo obtido explica 41,0 % da variabilidade dos resultados (cf. Tabela 83, Anexo 4). O valor da Anova apresenta-se como significativo [F_(3,78) =19,796; p=.000; R_a²=.410] (cf. Tabela 83, Anexo 4). Esta análise identifica a variável Rejeição [β =.557; t₍₇₈₎ =5,036; p=.000] como preditora significativa da subescala Agressividade do CBCL (cf. Tabela 83, Anexo 4).

Quanto à subescala *Depressão* do CBCL (VD) verificou-se que o modelo obtido explica 41,1% da variabilidade dos resultados (cf. Tabela 84, Anexo 4). O valor da Anova apresenta-se como significativo [F_(3,77) =19,609; p=.000; R_a²=.411] (cf. Tabela 84, Anexo 4). Esta análise identifica a variável Rejeição [β =.601; t₍₇₇₎=5,428; p=.000] como preditora significativa da variável dependente (cf. Tabela 84, Anexo 4).

Em relação a regressão linear múltipla calculada para a subescala *Somatização* do CBCL (VD) verificou-se que o modelo obtido explica 24,7% da variabilidade dos resultados (cf. Tabela 85, Anexo 4). O valor da Anova apresenta-se como significativo [F_(3,77) =9,732; p=.000; R_a²=.247] (cf. Tabela 85, Anexo 4). Esta análise identifica a variável Rejeição [β =.454; t₍₇₇₎=3,612; p=.001] como preditora significativa da subescala Somatização do CBCL (cf. Tabela 85, Anexo 4).

Analisar se o funcionamento dos progenitores (BSI) e a pertença a cada um dos grupos da amostra (CPCJ vs CONTROLO) são preditores do ajustamento psicossocial das crianças e adolescentes (CBCL)

⁶ O valor do t de Student registado atende à não homogeneidade das variâncias de acordo com o teste de Levene, daí os valores de df.

Neste grupo de análises de regressão, avaliou-se se o funcionamento psicológico dos pais e a pertença a cada uma das amostras (CPCJ vs Controlo) conseguem prever o ajustamento psicossocial dos filhos medido através do CBCL, mantendo-se como VDs as subescalas que registaram diferenças significativas no *t-student*. Consideraram-se como variáveis independentes o Grupo e a subescala Ideação Paranóide do BSI.

Relativamente à regressão linear múltipla calculada para o total da escala CBCL (VD), através do modelo obtido podemos afirmar que 35% da variabilidade total da variável dependente é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo (*cf.* Tabela 86, Anexo 4). O valor da Anova apresenta-se como significativo [$F_{(2,73)} = 21,803$; $p = .000$; $R_a^2 = .349$] (*cf.* Tabela 86, Anexo 4). Esta análise identifica as 2 VIs como predictoras significativas da variável dependente, nomeadamente a Ideação Paranóide [$\beta = .562$; $t_{(73)} = -5,97$; $p < .001$] e o Grupo [$\beta = .318$; $t_{(73)} = -3,374$; $p = .001$] (*cf.* Tabela 86, Anexo 4).

No que diz respeito à subescala *Agressividade* do CBCL (VD) o modelo obtido permite afirmar que 24,9% da variabilidade total na escala agressividade é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo (*cf.* Tabela 87, Anexo 4). O valor da Anova apresenta-se como significativo [$F_{(2,86)} = 15,627$; $p < .001$; $R_a^2 = .249$] (*cf.* Tabela 87, Anexo 4). Esta análise identifica as variáveis predictoras da Agressividade a Ideação Paranóide [$\beta = .461$; $t_{(86)} = 4,885$; $p < .001$] e o Grupo [$\beta = .344$; $t_{(86)} = 3,651$; $p < .001$] (*cf.* Tabela 87, Anexo 4).

Quanto à subescala *Depressão* do CBCL (VD) o modelo obtido explica 32,8% da variabilidade dos resultados (*cf.* Tabela 88, Anexo 4). O valor da Anova apresenta-se como significativo [$F_{(2,85)} = 22,26$; $p < .001$; $R_a^2 = .328$] (*cf.* Tabela 88, Anexo 4). Esta análise identifica a Ideação Paranóide [$\beta = .542$; $t_{(85)} = 6,05$; $p < .000$] e Grupo [$\beta = .354$; $t_{(85)} = 3,946$; $p < .001$] como predictoras significativas da variável dependente (*cf.* Tabela 88, Anexo 4).

Tendo em conta a *Somatização* (VD), verificou-se que o modelo obtido permite explicar 23,5% da variabilidade dos resultados (*cf.* Tabela 89, Anexo 4). O valor da Anova apresenta-se como significativo [$F_{(2,85)} = 14,387$; $p < .001$; $R_a^2 = .235$] (*cf.* Tabela 89, Anexo 4). Esta análise identifica a Ideação paranóide [$\beta = .460$; $t_{(85)} = 4,822$; $p < .001$] e o Grupo [$\beta = .308$; $t_{(85)} = 3,225$; $p = .002$] como predictoras significativas da variável *Somatização* do CBCL (*cf.* Tabela 89, Anexo 4).

Identificar se o ajustamento psicossocial (YSR) e as práticas educativas parentais na perspetiva das crianças/adolescentes são diferentes em função das duas amostras (CPCJ vs CONTROLO).

Considerando o tamanho da amostra das crianças/adolescentes filhos destas famílias, e tendo ainda em conta que alguns testes, nomeadamente o EMBU, têm duas versões, uma para crianças e outra para adolescentes, optou-se pelo recurso a testes Não paramétricos.

O cálculo do teste de *Mann-Whitney* para comparar as médias obtidas na amostra de Controlo e na da CPCJ, revelou que não existem diferenças estatisticamente significativas nas subescalas do EMBU versão crianças e versão adolescentes (cf. Tabela 90, Anexo 4). Apesar disso, no que respeita às crianças as subescalas Suporte Emocional e Tentativa de Controlo aparecem com as médias mais elevadas na amostra de Controlo, tanto para a mãe (*Média de ordem* = 15,14; *Média de ordem* = 15,57, respetivamente) como para o pai (*Média de ordem* = 12,50; *Média de ordem* = 13,38, respetivamente), contrariamente a subescala Rejeição onde a média é mais elevada na amostra da CPCJ, tanto para a mãe (*Média de ordem* = 15,75), como para o pai (*Média de ordem* = 11,78) (cf. Tabela 91, Anexo 4). Relativamente aos adolescentes, as subescalas Suporte Emocional e Sobreproteção apresentam uma média mais elevada na amostra da CPCJ, tanto para a mãe (*Média de ordem* = 16,00; *Média de ordem* = 15,17, respetivamente), como para o pai (*Média de ordem* = 16,50; *Média de ordem* = 15,43, respetivamente). Já na subescala Rejeição a média é mais elevada na amostra de Controlo, tanto para a mãe (*Média de ordem* = 13,85), como para o pai (*Média de ordem* = 13,79) (cf. Tabela 91, Anexo 4).

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas em duas subescalas do YSR (cf. Tabela 90, Anexo 4), nomeadamente, Problemas de Atenção/Hiperatividade ($U=60,00$; $W=213,5$ $p=.030$), e Esquizóide ($U=58,00$; $W=194,0$; $p=.006$), com as médias mais elevadas na amostra da CPCJ nas duas subescalas (*Média de ordem* = 19,21; *Média de ordem* = 20,88, respetivamente) (cf. Tabela 91, Anexo 4) e na escala total do YSR ($U=65,00$; $W=201,0$; $p=.051$) (cf. Tabela 87, Anexo 4), onde a média é mais elevada na amostra da CPCJ (*Média de ordem* = 18,86) (cf. Tabela 91, Anexo 4). Além disso, a subescala Ansiedade/Depressão do YSR ($U=77,50$; $W=213,5$; $p=.054$) apresenta valores muito próximos da significância estatística (cf. Tabela 90, Anexo 4).

V – Discussão

Antes de iniciarmos a reflexão acerca dos resultados obtidos no nosso estudo importa destacar que o nosso estudo é exploratório e que a reflexão efetuada constitui apenas uma leitura reflexiva acerca dos resultados obtidos, sendo necessários alguns cuidados quanto à sua generalização.

A presente investigação pretendeu, em primeiro lugar, avaliar se as práticas educativas parentais nas famílias da amostra da CPCJ (negligência e abuso) são significativamente diferentes das da amostra de Controlo (sem abuso nem negligência). Na análise dos resultados verificamos que relativamente às práticas educativas parentais não se encontram diferenças entre as duas amostras. Este resultado parece ir contra o que é referido na literatura uma vez que Belsky (1993) menciona que existem diferenças significativas entre pais não maltratantes e pais maltratantes no que diz respeito às práticas educativas parentais. Além de que, os pais maltratantes são identificados como mais agressivos e severos, recorrendo a estratégias de controlo com base em castigos físicos e atos negativos (Vasta, 1982;

Lahey et al., 1984). No entanto, devemos ter em atenção que, como refere Alberto (2008), o conceito de maltrato é difícil de definir, ou seja, cada investigação parte de conceitos diferentes do que é o maltrato, além disso, a amostra da CPCJ é composta maioritariamente por famílias sinalizadas como negligentes e grande parte dos estudos centram-se especificamente em famílias abusivas.

Além disso, encontraram-se diferenças significativas entre três subescalas do CBCL em que os pais/cuidadores da amostra da CPCJ percebem os filhos como mais agressivos, com mais sintomas de internalização como a depressão e mais queixas somáticas. De acordo com a literatura as mães maltratantes percebem os seus filhos como mais difíceis ou diferentes sobrevalorizando os problemas comportamentais (Lau, Valeri, McCarty, & Weisz, 2006).

É ainda interessante perceber que os pais/cuidadores da amostra da CPCJ percebem as suas práticas educativas parentais como sendo de suporte emocional e aceitação, mas avaliam o funcionamento psicossocial dos seus filhos de forma negativa, ou seja, os progenitores interpretam os comportamentos dos filhos como mal-intencionados e tendem a classificar os comportamentos da criança como negativos (Milner, 1998).

Verificou-se que, no que concerne as práticas educativas parentais na perspetiva dos pais/cuidadores não existem diferenças estatisticamente significativas entre famílias da CPCJ e do grupo de Controlo, o que nos leva a ponderar que o questionário foi respondido de acordo com a desejabilidade social. No entanto, são visíveis as diferenças encontradas entre as crianças/adolescentes vítimas dos diferentes tipos de maltrato e as crianças não vítimas no que respeita ao funcionamento psicossocial percebido pelos progenitores e funcionamento psicológico destes, o que vai ao encontro do referido por Rieder e Cicchetti (1989), que afirmam que as crianças vítimas de maltrato apresentam mais agressividade face aos pares e no seio da família, maiores dificuldades ao nível do autocontrolo e do equilíbrio afetivo e cognitivo, lacunas nas competências sociais e dificuldades na realização escolar. Nos estudos de Browne e Saqui (1988) e de Kravitz e Drisoll (1983) foi possível concluir que os pais maltratantes têm expectativas pouco realistas acerca dos seus filhos, percebendo os comportamentos das crianças como ameaças à sua autoestima, geralmente fragilizada. No que concerne ao funcionamento psicológico dos progenitores, apesar de não ser possível associar, de modo inequívoco, um determinado quadro psicopatológico ao maltrato (Knutson, 1995), através do estudo de Walker, Downey e Bergman (1989) verificou-se que as crianças filhas de progenitor(es) com diagnóstico psiquiátrico apresentam maior risco de vitimização que as crianças filhas de pais saudáveis.

No sentido de perceber se o funcionamento dos pais e a pertença a cada um dos grupos da amostra (CPCJ vs Controlo) predizem as práticas educativas parentais, verificou-se que o funcionamento dos pais, ou mais especificamente a subescala Ideação Paranóide, é preditora tanto da subescala Suporte Emocional, como da subescala Rejeição. Ou seja, o funcionamento psicológico dos progenitores influencia a forma como os

progenitores percebem as suas próprias práticas educativas parentais relativamente aos seus filhos, mais precisamente a subescala Suporte Emocional e a Rejeição. De acordo com Machado (1996) a ocorrência de maltrato, sobretudo abuso físico surge, frequentemente, associado a episódios difíceis mas não extraordinários do processo educativo quotidiano, tais como situações de inadequação do comportamento infantil que poderiam ser controlados através do recurso a outro tipo de estratégias. Na origem deste tipo de reações parece estar a predisposição do adulto para a ansiedade, depressão e hostilidade, promovendo a transformação de um ato disciplinar em comportamento maltratante (Belsky, 1993).

Da análise efetuada para perceber se as práticas educativas parentais, na perspectiva dos pais, são preditoras do ajustamento psicossocial dos filhos (crianças e adolescentes), podemos concluir que, apesar de, como já foi referido, não haver diferenças estatisticamente significativas entre as amostras no que respeita às práticas educativas parentais, a subescala Rejeição surge como preditora do ajustamento psicossocial da criança e do adolescente. De acordo com a literatura a existência de práticas disciplinares ineficazes como a falta de limites dos filhos, as práticas disciplinares divergentes entre os progenitores, a crença de que a punição física é educativa (Antoni et al., 2007), a manifestação de hostilidade e agressões verbais e físicas e a não-aceitação da criança ou adolescente (Canavarro, 2007), assim como o estilo negligente está relacionado com uma menor competência psicossocial e mais problemas de comportamentos (Steinberg et al., 1992).

De acordo com a análise efetuada, de forma a verificar se o funcionamento dos progenitores e a pertença a cada um dos grupos da amostra são preditores do ajustamento psicossocial das crianças e adolescentes, podemos concluir que a subescala Ideação Paranóide e a pertença ao Grupo aparecem como preditores da escala total do CBCL, e nas subescalas Agressividade, Depressão e Somatização. Ou seja, tanto o funcionamento dos progenitores como a pertença ao grupo (CPCJ vs Controlo) predizem o ajustamento psicossocial das crianças. Existem evidências empíricas que realçam a importância da existência de relação entre o disfuncionamento psicológico dos progenitores e comportamentos maltratantes (Walker, Downey, & Bergman, 1989). Além disso, de acordo com a literatura, as crianças sujeitas a maltrato (principalmente abuso físico) desenvolvem padrões de comportamento que levam a relações desviantes com os pares e são mais vulneráveis ao aparecimento de problemas comportamentais graves e de alguns quadros psicopatológicos (Dodge e col., 1994).

No que diz respeito as crianças e adolescentes, não existem diferenças estatisticamente significativas entre a amostra de Controlo e a amostra da CPCJ, no que concerne à percepção das práticas parentais educativas. No entanto é possível verificar que as crianças pertencentes à amostra de Controlo consideram ambos os progenitores como mais disponíveis afetiva e fisicamente, mais afetuosos e com comportamentos de aceitação (suporte emocional). Mas também avaliam os progenitores como mais controladores

e com comportamentos de sobreproteção. Já as crianças da amostra da CPCJ percebem ambos os progenitores como tendo comportamentos de rejeição relativamente a estas, manifestando mais hostilidade física e verbal.

Os adolescentes pertencentes à amostra da CPCJ apontam ambos os progenitores/cuidadores como fornecendo mais apoio emocional e aprovação, mas também como mais controladores, impondo regras e normas rígidas. Os adolescentes da amostra de Controlo, por seu lado, percebem os progenitores/cuidadores mais punitivos, usando por vezes a aplicação direta da força com o objetivo de influenciar os seus comportamentos, sem terem em consideração os seus pontos de vista e as suas necessidades.

Além disto, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as crianças/adolescentes da amostra de Controlo e da amostra da CPCJ em três subescalas do YSR, ou seja, as crianças/adolescentes na amostra da CPCJ percebem-se como tendo mais problemas de atenção e hiperatividade e problemas de comportamento, sendo mais ansiosas e com sintomatologia depressiva, comparativamente com as crianças/adolescentes da amostra de Controlo.

Neste sentido, segundo Gaspar (2003) as crianças que tendem a ser mais impulsivas e hiperativas são geralmente aquelas que se zangam mais facilmente com os pais. As reações dos pais nem sempre são as mais adequadas, com tendência a utilizar uma disciplina rígida e punitiva ou então de permissividade. Em qualquer dos casos a tendência observada é a manutenção e o aumento do comportamento inadequado. Além disso, a análise efetuada por Fonseca (2007) das interações pais-filhos revelou que crianças mais agressivas ou com problemas de oposição tinham pais que recorriam a práticas educativas marcadas por uma ausência de envolvimento afetivo, dominação negativa, falta de consistência na administração de prémios e castigos, falta de supervisão e de monitorização ou utilização frequente de agressão e violência na própria família.

VI - Conclusões

O elevado número de sinalizações feitas com vista à proteção de crianças e jovens tem chamado a atenção para a vulnerabilidade em que se encontram muitos sistemas familiares e para a forma como os progenitores, ou substitutos, desempenham o seu papel parental e contribuem para o desenvolvimento saudável e ajustado de crianças e adolescentes.

O presente estudo tinha como principal objetivo avaliar se as práticas educativas parentais nas crianças e adolescentes vítimas de negligência e ou abuso eram significativamente diferentes das da amostra de controlo (sem abuso nem negligência).

A análise dos resultados revela que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as práticas educativas parentais utilizadas pelos dois grupos da amostra (Controlo vs CPCJ). No entanto, verificaram-se alguns valores significativamente diferentes entre as duas amostras no que respeita a algumas subescalas do CBCL, nomeadamente, a subescala Agressividade, Depressão e Somatização, e na escala Total do

CBCL, assim como, na subescala Ideação Paranóide do BSI relativamente ao funcionamento psicológico dos progenitores.

Os resultados obtidos através das regressões indicam-nos que, o funcionamento dos progenitores, mais precisamente a subescala Ideação Paranoide, surge com capacidade para predizer dois tipos de práticas educativas parentais, nomeadamente a subescala Suporte Emocional e Rejeição. No que concerne às práticas educativas parentais, apenas a subescala Rejeição surge com capacidade de predizer o ajustamento psicossocial dos filhos (crianças e adolescentes), na perspetiva dos progenitores. A pertença a cada um dos grupos da amostra e o funcionamento dos progenitores, mais especificamente a subescala Ideação Paranóide também aparece com capacidade de predizer o ajustamento psicossocial dos filhos. Finalmente, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entres as duas amostras no que respeita as práticas educativas parentais na perspetiva das crianças/adolescentes.

O presente estudo encontrou na sua realização alguns obstáculos que se implicam limitações na análise dos resultados obtidos e na conclusão.

Uma vez que os questionários foram aplicados a famílias sinalizadas na CPCJ o facto de se estar num contexto em que estes pais se sentem controlados e avaliados, pode aumentar a desejabilidade social e a necessidade de serem considerados bons progenitores, pelo que algumas das respostas podem ter sido dadas conforme o que consideram ser o que se espera deles e não conforme a sua atuação real, sendo importante realçar que neste estudo o que foi avaliado foram as perceções dos participantes relativamente às práticas educativas parentais. Por outro lado, se esta desejabilidade está mesmo presente e influenciou as respostas, então pode-se ponderar que estes adultos sabem, em teoria, quais as práticas educativas mais aceites e adequadas socialmente.

Além disso, muitos sujeitos apresentaram dificuldades na compreensão de alguns itens, o que poderá ter influenciado as suas respostas. As crianças e os adolescentes mostraram também algumas dificuldades no preenchimento do EMBU devido a sua estrutura. Uma outra limitação prende-se com o elevado número de itens de cada escala, o que levou muitos inquiridos a confessar que acharam os questionários demasiado extensos, facto que poderá ter influenciado os resultados pelo menor investimento, causado pelo cansaço.

O facto da amostra das crianças/adolescentes ser pequena ($n=30$), com a divisão nos diferentes tipos de maltrato (abuso físico, abuso psicológico e negligência) e sem abuso nem negligência, o número de sujeitos em cada uma destas subescalas ficava muito pequeno, não permitindo fazer uma análise mais pormenorizada.

Finalmente, há ainda que registar as dificuldades que as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens têm manifestado em conseguir discriminar as condições e as práticas educativas reais destas famílias.

Algumas das limitações referidas poderão ser ultrapassadas em futuros estudos. Assim, uma vez que a análise realizada não permitiu identificar diferenças estatisticamente significativas entres os dois grupos da

amostra no que concerne às práticas educativas parentais, seria pertinente continuar este estudo com a aplicação dos instrumentos a uma amostra mais alargada de sujeitos que permite uma análise comparativa e com outros tipos de testes estatísticos. Além disso, seria pertinente rever a estrutura do EMBU – Crianças e do EMBU – Adolescentes, uma vez que, como já foi referido anteriormente, esta apresenta-se de uma forma que dificulta o seu preenchimento.

Como sugestões para futuras investigações, seria interessante incluir dados qualitativos no estudo com entrevistas as famílias que permitissem aprofundar dimensões que os instrumentos quantitativos não possibilitam obter.

Em suma, pretende-se que esta investigação seja mais um contributo no avanço da compreensão das dinâmicas familiares na área da parentalidade e das práticas educativas parentais, com pistas para novas investigações e que possa contribuir para intervenções e projetos de prevenção com os progenitores/cuidadores e os seus filhos.

Bibliografia

- Afifi, T., Brownridge, D., Cox, B. & Sareen, J. (2006). Physical punishment, childhood abuse and psychiatric disorders. *Child Abuse & Neglect*, 30, 1093-1103.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios Familiares: Uma Visão Sistémica* (3ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Alberto, I. (2008). Maltrato infantil: Entre um destino e uma história. In A. Matos et al (Coornd.). *A Maldade Humana* (pp. 107-130). Coimbra: Almedina.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2007). O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 314-332.
- Antoni, C. & Koller, S. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5, 347-381.
- Azevedo, M.C & Maia, A, C. (2006). *Maus-Tratos à Criança*. Climepsi Editores, Lisboa.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37 (4), 887-907.
- Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. Authoritative Parental Control. *Adolescence*, 3 (11), 255-272.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Development Psychology Monographs*, 4 (1), 1-103.
- Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New Direction for Child and Adolescent Development*, 108, 61-69.
- Belsky, J. (1993). Etiology of child maltreatment: A developmental-ecological analysis. *Psychological Bulletin*, 114, 413-434.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*. 55, 83-96. Acedido através de <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1129836?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=56017493343>

- Boeckel, M. G. & Sarriera, J. C. (2006). Estilos Parentais, Estilos Atribucionais E Bem-Estar Psicológico em Jovens Universitários. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16 (3), pp. 53-65. Acedido através de <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v16n3/07.pdf>
- Bornstein, M., & Cheah, C. (2006). The place of «culture and parenting » in the ecological contextual perspective on developmental science. In K. Rubin & O. Chung, (Eds.), *Parenting beliefs, behavior, and parentchild relations: A cross cultural perspective* (pp. 3-34). New York: Psychology Press.
- Bornstein, M. (2002). Parenting infants. In Marc Bornstein (Ed.). *Handbook of parenting (Vol.1): Children and parenting* (pp. 3-34). London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. Acedido através de [http://books.google.pt/books?id=P15CGyhy_dcC&pg=PR10&dq=handbook+of+parenting+\(Vol.1\):+Children+and+parenting&hl=pt-PT&sa=X&ei=0l-6T-qGZSX0QW4hJj0Bw&ved=0CDIQ6AEwAA#v=onepage&q=handbook%20of%20parenting%20\(Vol.1\)%3A%20Children%20and%20parenting&f=false](http://books.google.pt/books?id=P15CGyhy_dcC&pg=PR10&dq=handbook+of+parenting+(Vol.1):+Children+and+parenting&hl=pt-PT&sa=X&ei=0l-6T-qGZSX0QW4hJj0Bw&ved=0CDIQ6AEwAA#v=onepage&q=handbook%20of%20parenting%20(Vol.1)%3A%20Children%20and%20parenting&f=false)
- Bradshaw, K. M., Donohue, B., Cross, C., Urgelles, J. & Allen, D. (2011). Examination of the Relationship Between Parental Satisfaction and Child Maltreatment Potential While Considering Social Desirability. *Journal Family and Violence*, 26, 545-549.
- Browne K. & Saqi, S. (1988a). Approaches to screening for child abuse and neglect. K. Browne, C. Davies & P. Stratton (Eds.), *Early prediction and prevention of child abuse* (pp. 57-85). London: John Wiley & Sons.
- Browne, K. & Lynch, M. (1998a). The challenge of child neglect. *Child Abuse Review*, 7, 73-76.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de sintomas psicopatológicos – BSI. In M. R. Simões, M. Gonçalves & L. S. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. II; pp. 87-109). Braga: SHO/APPORT.
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de sintomas psicopatológicos – BSI. In M. R. Simões, C. Machado, M. M. Gonçalves & L. S. Almeida (Eds.), *Avaliação Psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa* (vol. III, pp.305-331). Coimbra: Quarteto.
- Canavarro, M. & Pereira, A. (2007). A perceção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *RIDEP*, 24

(2), 193-210.

- Canavarro, M. C. & Pereira, A. I. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 271-286.
- Canha, J. (2000). *Criança maltratada. O Papel de uma pessoa de referência na sua recuperação. Estudo prospetivo de 5 anos*. Coimbra: Editora Quarteto.
- Cecconello, A., Antoni, C. & Koller, S. (2003). Práticas Educativas, Estilos Parentais e Abuso Físico no Contexto Familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54. Acedido através de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa07.pdf>.
- Conger, R., Burgess, R. & Barrett, C. (1979). Child abuse related to life changes and perceptions of illness: Some preliminary findings. *Family Coordinator*, 28 (1), 73-78.
- Crittenden, P. M. (1993). An information-processing perspective on the behavior of neglectful parents. *Criminal Justice and Behavior*, 20(1), 27-27. Acedido através de <http://search.proquest.com/docview/197260315?accountid=43959>
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Cummings E. M., & Cummings, J. S. (2002). Parenting and Attachment. In Bornstein, M. H. (2002) *Handbook of Parenting*. Volume 5. (2nd ed). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin* 113, 487-496.
- Dodge, K., Petit, G. & Bates, J. (1994). Effects of physical maltreatment on the development of peer relations. *Development and Psychopathology*, 6, 43-55.
- Doueck, H., Ishisaka, A., Sweany, S. & Gilchrist, L. (1987). Adolescent maltreatment: Themes from the empirical literature. *Journal of Interpersonal Violence*, 2, 139-153.
- Egeland, B. (1988). Breaking the cycle of abuse: Implications for prediction and intervention. In K. Browne, C. Davies & P. Stratton (Eds.), *Early prediction and prevention of child abuse* (pp. 87-102). London: John Wiley & Sons.
- Eiden, R. D., Edwards, E. P., & Leonard, K. E. (2007). A conceptual model

for the development of externalizing behavior problems among kindergarten children of alcoholic families: Role of parenting and children's self-regulation. *Developmental Psychology*, 43 (5), 1187-1201.

- Finkelhor, D. & Dzuiba-Leatherman, J. (1994). Victimization of children. *American Psychologist*, 49 (1), 173-183.
- Fonseca, A. C. (2007). Importância dos primeiros anos de vida: o exemplo dos comportamentos agressivos. In A. C. Fonseca, M. J. Seabra-Santos & M. F. Gaspar (Eds.). *Psicologia e educação: novos e velhos temas* (pp. 129-171). Coimbra: Almedina.
- Fonseca, A., Simões, A., Rebelo, J., Ferreira J., & Cardoso F. (1994). Um inventário de competências sociais e de problemas de comportamento em crianças e adolescentes – o Child Behaviour Checklist de Achenbach (CBCL). *Psychologica* 12, 55-78.
- Fonseca, A. C. & Monteiro, C. M. (1999). Um inventário de problemas do comportamento para crianças e adolescentes: O Youth Self-Report de Achenbach (YSR). *Psychologica*, 21, 79-96.
- Gamboa, M. (2001). Maus Tratos a Crianças. In Silva, F. (Ed.). *Ação Social na Área da Família*. (pp.283-315). Lisboa: Universidade Aberta.
- Gaspar, M. F. F. (2003). O trabalho com pais na prevenção do comportamento antisocial. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento antisocial: escola e família* (pp. 217- 229). Coimbra: Almedina.
- Graça, C., Lavadinho, C. & Cruz, M. (2002). Violência Parental/Familiar. *Revista Infância e Juventude*, 3, 94-117.
- Gelles, R. (1973). Child abuse as psychopathology: A sociological critique and reformulation. *American Journal of Orthopsychiatry*, 43, 611-621.
- Gelles, R. J. (1989). Child abuse and violence in single-parent families: Parent absence and economic deprivation. *American Journal of Orthopsychiatry*, 59(4), 492-492. Acedido através de <http://search.proquest.com/docview/236860298?accountid=43959>
- Grolnick, W., & Ryan, R. M. (1989). Parent styles associated with children's self-regulation and competence in school. *Journal of Educational Psychology*, 81(2), 143-143. Acedido através de <http://search.proquest.com/docview/210968564?accountid=43959>
- Heinicke, C. (2002). The transition to parenting. In M. H. Bornstein (Ed.).

- Handbook of parenting* (Vol. 3): Being and becoming a parent (pp. 363-388). London: Lawrence Erlbaum associates, Publishers. Acedido através de http://books.google.pt/books?id=ctBehCYTA_0C&pg=PR13&dq=handbook+of+parenting+vol+3&hl=pt-PT&sa=X&ei=i-G7T-OZOG48gOA16G6Cg&ved=0CEsQ6AEwBA#v=onepage&q=handbook%20of%20parenting%20vol%203&f=false
- Herbert, M. (2004). Parenting Across the Lifespan. In Hoghughi, M., & Long, N. (2004). *Handbook of Parenting. Theory and Research for Practice*. London: Sage Publications. Acedido através de http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=iHIDneXC6wC&oi=fnd&pg=PA55&dq=parenting+across+the+lifespan&ots=dpVLqDzhT_&sig=mZ_zeVfsikGjmT548K2v4dpA7Hg&redir_esc=y#v=onepage&q=parenting%20across%20the%20lifespan&f=false
- Hines, D. A., Glenda, K. K., & Holt, M. K. (2006). Similarities in siblings' experiences of neglectful parenting behaviors. *Child Abuse & Neglect*, 30(6), 619-637. Acedido através de <http://search.proquest.com/docview/230156440?accountid=43959>
- Kaufman, D., Gesten, E., Santa Lucia, R. C., Salcedo, O., Rendina-Gobioff, G., & Gadd, R. (2000). The relationship between parenting style and children's adjustment: The parents' perspective. *Journal of Child and Family Studies*, 9, 231-245.
- Knutson, J. F. (1995). Psychological characteristics of maltreated children: Putative risk factors and consequences. *Annual Review of Psychology*, 46, 401-401. Acedido através de <http://search.proquest.com/docview/205849168?accountid=43959>
- Kravitz, R. & Drisoll, J. (1983). Expectations for childhood development among children abusing and non abusing parent. *American Journal of Orthopsychiatry*, 53(2), 336-344.
- Lacerda, M. (2005). *A percepção das práticas parentais pelos adolescentes: Implicações na percepção de controlo e nas estratégias de coping*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Lahey, B., Conger, R., Atkeson, B. & Treiber, F. (1984). Parenting behavior and emotional status of physically abusive mothers. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 52, 1062-1071.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from

- authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Lau, A., Valeri, S., McCarty, C. & Weisz, J. (2006). Abusive parents' reports of child behaviour problems: Relationship to observed parent-child interactions. *Child Abuse & Neglect*, 30, 639-655.
- Lifford, K., Harold, G., & Thapar, A. (2007). Parent-child relationships and ADHD symptoms: A longitudinal analysis. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36, 285-296.
- Machado, C. (1996). Maus tratos de menores, vitimização e poder: Proposta de um modelo integrado de análise. *Psicologia: Teoria investigação e prática*, 1, 133-148.
- Maccoby, E. E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In Hetherington, E. M. (Ed) & Mussen, P. H. (Séries Ed.), *Handbook of child psychology*, Vol. 4: Socialization, personality and social development (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Magalhães, T. (2002). *Maus Tratos em Crianças e Jovens. Guia prático para profissionais*. Porto: Editora Quarteto.
- Mennen, F., Kim, K., Sang, J., & Trickett, P. (2010). Child neglect: Definition and identification of youth's experiences in official reports of maltreatment. *Child Abuse & Neglect*, 34, 647-658.
- Milner, J. (1998). Individual and family characteristics associated with intrafamilial child physical and sexual abuse. In P.K. Trickett and C. J. Schellenbach (Eds.). *Violence against children in the family and community* (pp. 141-170). Washington, DC: American Psychological Association.
- Nair, P., Schuler, M. E., Black, M. M., Kettinger, L., & Harrington, D. (2003). Early intervention, parenting stress, child abuse potential and child development: Cumulative environmental risk in substance abusing women. *Child Abuse & Neglect*, 27(9), 997-1017. Acedido através de <http://search.proquest.com/docview/230186573?accountid=43959>
- Ochotorena, J. & Madriaga, M. (1989). Factores predictores del maltrato infantil: Rechazo materno y problemas de conducta en el niño. In J. Barroso; F. Morais & J. Barbosa (Eds.), *Adopção em Portugal* (pp. 29-45). Porto: APPORT.
- Papalia, D. (2001). *O Mundo da Criança*. Amadora: Editora McGraw-Hill.

- Patterson, G. R., & Fisher, P. A. (2002). Recent developments in our understanding of parenting: Bidirectional effects, causal models, and the search for parsimony. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (2nd ed., Vol. 5, pp. 59-88). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. Acedido através de http://books.google.pt/books?id=fVd2n7-R4EAC&pg=PA59&lpg=PA59&dq=Recent+developments+in+our+understanding+of+parenting:+Bidirectional+effects,+causal+models,+and+the+search+for+parsimony&source=bl&ots=iDwKp3JH9O&sig=De_Pp33W8OLH3aL9_dsIg-3C0Hg&hl=pt-PT&sa=X&ei=ZN7xT-DCaqX1AXdw-njDQ&ved=0CDYQ6AEwAA#v=onepage&q=Recent%20developments%20in%20our%20understanding%20of%20parenting%3A%20Bidirectional%20effects%2C%20causal%20models%2C%20and%20the%20search%20for%20parsimony&f=false
- Relvas, A. P. & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto
- Renner, L. M., & Kristen, S. S. (2006). Intimate partner violence and child maltreatment: Understanding intra- and intergenerational connections. *Child Abuse & Neglect*, 30(6), 599-617. Acedido através de <http://search.proquest.com/docview/230190214?accountid=43959>
- Rieder, C., & Cicchetti, D. (1989). Organizational perspective on cognition control functioning and cognitive-affective balance in maltreated children. *Developmental Psychology*, 25(3), 382-382. Acedido através de <http://search.proquest.com/docview/224546202?accountid=43959>
- Rodriguez, C. M. & Tucker, M. C. (2011). Behind the Cycle of Violence, Beyond Abuse History: A Brief Report on the Association of Parental Attachment to Physical Child Abuse Potential. *Violence and Victims*, 26, 246-256.
- Salvador, A. P., & Weber, L. N. (2005). Práticas educativas parentais: um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia*, 9 (2), 341-353.
- Salvo, C., Silves, E., & Toni, P. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas e competência social. *Estudos de Psicologia*, 22 (2), 187-195.
- Simões, D., Mota, P., & Loureiro E. (2006). “Cinderela”: do conto de fadas à realidade. Perspectiva sobre os maus-tratos infantis. *Antropologia*

Portuguesa 22/23, 119-132. Acedido através de <http://hdl.handle.net/10316/13734>

- Simões, M. R. (1994). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das matrizes progressivas coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Tese de Doutoramento em Psicologia, especialidade em Avaliação Psicológica, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Slep, A., Heyman, R., Snarr, J. (2011). Child emotional aggression and abuse: Definitions and prevalence. *Child Abuse and Neglect*, 35, 783-796
- Steinberg, L., Elmen, J. D., & Mounts, N. S. (1989). Authoritative parenting, psychosocial maturity, and academic success among adolescents. *Child Development*, 60(6), 1424-1424. Acedido através de <http://search.proquest.com/docview/198662724?accountid=43959>
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Dornbusch, S. M., & Darling, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement: Authoritative parenting, school involvement, and encouragement to succeed. *Child Development*, 63, 1266-1281.
- Taborda Simões, M.C., Martins, R.C. & Formosinho, M.D. (2006). Regulação do exercício do poder paternal: aspectos jurídicos e avaliação psicológica. In A. C. Fonseca, M. R. Simões, M. C. Taborda-Simões & M. S. Pinho (Eds). *Psicologia Forense* (pp. 497-518). Coimbra: Almedina.
- Vasta, R. (1982). Physical child abuse: A dual-component analysis. *Developmental Review*, 2 (2), 125-149.
- Walker, E., Downey, G., & Bergman, A. (1989). The effects of parental psychopathology and maltreatment on child behavior: A test of the diathesis-stress model. *Child Development*, 60(1), 15-15. Acedido através de <http://search.proquest.com/docview/198665058?accountid=43959>
- Weber, L., Prado, P., Viezzer, A., & Brandenburg, O. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 323-331. Acedido através de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a05v17n3.pdf>
- Williams, L., Degnan, K., Perez-Edgar, K., Henderson, H., Rubin, K., Pine, D., Steinberg, L., & Fox, N. (2009). Impact of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *Journal of Abnormal Child*

Psychology, 37 (8), 1063-1075.

- Wilson, S., Rack, J., Shi, X., Norris, A. (2008). Comparing physically abusive, neglectful, and not abusing parents during interactions with their children: A forest-analysis of observational studies. *Child Abuse and Neglect*, 32, 897-911
- Wolfe, D. (1985) Child-abusive parents: An empirical review and analysis. *Psychological Bulletin*, 97, 462-482.

Anexos

Anexo 1: Protocolo de Investigação



INFORMAÇÃO AOS PARTICIPANTES

Nome da investigação: Identificação dos padrões de comunicação entre pais e filhos nas diferentes composições familiares numa amostra da população portuguesa

Esta investigação tem como **objectivo:** identificar a forma como as diversas famílias se organizam e funcionam na comunicação entre pais e filhos

A colaboração de todos os participantes é **VOLUNTÁRIA**, e será absolutamente garantido o **ANONIMATO** e a **CONFIDENCIALIDADE** dos resultados. Para tal, os resultados serão inseridos em bases de dados através de um código, para tratamento estatístico dos dados globais.

O seu contributo é extremamente importante, uma vez que permitirá validar instrumentos de avaliação da comunicação, bem como obter um conhecimento mais objectivo da nossa realidade sobre as temáticas abordadas neste projecto.

Nos instrumentos a que vai responder **NÃO HÁ RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS**, mas apenas lhe é pedido que responda de acordo com o que considera que melhor corresponde à sua própria opinião. Por favor, leia com atenção e não deixe nenhum item por responder. É importante que o preenchimento destes instrumentos respeite a ordem por que são apresentados.

A equipa deste projecto está imensamente grata pela sua disponibilidade e colaboração.

Para mais esclarecimentos poderá contactar

Nome: Isabel Alberto (Prof. Auxiliar FPCE-UC)

e-mail: isamaria@fpce.uc.pt

Nome: *Barbara Amorim Magalhães*

E-mail: *barbaraamorimm@gmail.com*

CONSENTIMENTO

Eu, _____, declaro ter sido informado da natureza e dos procedimentos da presente investigação, bem como das garantias de anonimato e confidencialidade. Assim, aceito responder ao protocolo que me foi apresentado.

Coimbra, ___ de _____, de 200__

(Assinatura)

Caso pretenda saber informação relativa às suas respostas a este protocolo, deixe aqui o seu contacto:

e-mail: _____

ou

Morada: _____

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, declaro ter sido informado da natureza e dos procedimentos da presente investigação, bem como das garantias de anonimato e confidencialidade. Assim, autorizo o(s) meu(s) filho(s) a responder(em) ao protocolo que foi apresentado.

Coimbra, ___ de _____, de 200__

(Assinatura)

Questionário demográfico

Código: _____

Dados pessoais:

Idade: _____ Género: Fem___/Masc___

Profissão: _____; Nível de escolaridade: _____

Estado civil:

Solteiro: _____;

Casado: _____ data: _____

Viúvo: _____ data: _____

Divorciado: _____ data: _____

Recasado: _____ data: _____

Composição agregado familiar (lista das pessoas que vivem na sua casa):

Parentesco*	Idade	Género Fem/Masc	Profissão	Nível escolaridade	Observações

* pai, mãe, filho(a), marido, mulher, irmã(o)

Outras pessoas que vivam no agregado familiar:

Quem (Grau de Parentesco)*	Idade	Profissão	Estado civil	Motivo permanência

*avó(ô), tio (a), etc...

Como é que avalia o *stress* da família?

Muito pouco Muitíssimo
 1 2 3 4 5

Como é que avalia a qualidade de vida da família?

Muito má Muito boa

1 2 3 4 5

Como é que avalia os Recursos/capacidades da família para lidar com os problemas/dificuldades?

Muito más Muito boas
1 2 3 4 5

Como é que acha que a sua família se adapta, em geral, às dificuldades?

Muito Mal Muito bem
1 2 3 4 5

Etapa do ciclo vital:

Nível sócio-económico:

Anexo 2: Características da Amostra

Tabela 1: Distribuição dos participantes - Adultos/Cuidadores

<i>Adultos/cuidadores</i>	<i>G. Controlo (n = 47)</i> <i>n (%)</i>	<i>G. CPCJ (n=42)</i> <i>n (%)</i>
Sexo		
Feminino	29 (61,7%)	28 (66,7%)
Masculino	18 (38,3%)	14 (33,3%)
Habilitações literárias		
<4º ano	1(2,13%)	2 (4,76%)
4º ano	10 (21,3%)	9 (21,43%)
6º ano	18 (38,3%)	10 (23,8%)
9º ano	13 (27,66%)	15(35,7%)
12º ano	4 (8, 51%)	5(11,9%)
Ensino superior	1(2,13%)	1(2,38%)
Família - Formas de família		
Nuclear Intacta	39 (82,98%)	26 (61,91%)
Pós divórcio	2 (4,26%)	4 (9,52%)
Monoparental	5 (10,64%)	10 (23,8%)
Reconstituída	1 (2,13%)	2 (4,76%)
Nível Socioeconómico		
Baixo	38 (80,85%)	32 (76,19%)
Médio	9 (19,15%)	9 (21,43%)
Elevado	0	1 (2,38%)
Número de Filhos		
1	17 (36,2%)	23 (54,8%)
2	21 (44,7%)	11 (26,2%)
3	9 (19,1%)	6 (14,3%)
4	0	2 (4,8%)

Tabela 2: Teste do Qui-quadrado - em função do Sexo dos Pais/Cuidadores

Chi-Square Tests^d

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	,268 ^b	1	,605	,796	,398	
Continuity Correction ^a	,067	1	,796			
Likelihood Ratio	,268	1	,605	,796	,398	
Fisher's Exact Test				,796	,398	
Linear-by-Linear Association	,263 ^c	1	,608	,796	,398	,179
N of Valid Cases	60					

a. Computed only for a 2x2 table

b. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 14,00.

c. The standardized statistic is -,513.

d. For 2x2 crosstabulation, exact results are provided instead of Monte Carlo results.

Tabela 3: Teste do Qui-quadrado – em função das Habilitações Literárias dos Pais/Cuidadores

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)			Monte Carlo Sig. (1-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval		Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound		Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	2,653 ^a	5	,753	,809 ^b	,799	,819			
Likelihood Ratio	2,684	5	,749	,826 ^b	,816	,836			
Fisher's Exact Test	3,025			,757 ^b	,746	,768			
Linear-by-Linear Association	,181 ^c	1	,671	,710 ^b	,699	,722	,373 ^b	,361	,386
N of Valid Cases	89								

a. 6 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,94.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 2000000.

c. The standardized statistic is ,425.

Tabela 4: Teste do Qui-quadrado – em função das Formas de Família

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)			Monte Carlo Sig. (1-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval		Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound		Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	5,002 ^a	3	,172	,169 ^b	,160	,179			
Likelihood Ratio	5,055	3	,168	,226 ^b	,215	,237			
Fisher's Exact Test	5,001			,136 ^b	,128	,145			
Linear-by-Linear Association	4,338 ^c	1	,037	,042 ^b	,037	,047	,023 ^b	,019	,027
N of Valid Cases	89								

a. 4 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,42.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 2000000.

c. The standardized statistic is 2,083.

Tabela 5: Teste do Qui-quadrado – em função do Nível sócio-económico

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)			Monte Carlo Sig. (1-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval		Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound		Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	1,237 ^a	2	,539	,696 ^b	,684	,708			
Likelihood Ratio	1,620	2	,445	,696 ^b	,684	,708			
Fisher's Exact Test	1,200			,696 ^b	,684	,708			
Linear-by-Linear Association	,553 ^c	1	,457	,495 ^b	,482	,508	,311 ^b	,299	,323
N of Valid Cases	89								

a. 2 cells (33,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,47.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 2000000.

c. The standardized statistic is ,744.

Tabela 6: Teste do Qui-quadrado – em função do Número de Filhos

Chi-Square Tests									
	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)			Monte Carlo Sig. (1-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval		Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound		Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	6,364 ^a	3	,095	,077 ^b	,070	,083			
Likelihood Ratio	7,177	3	,066	,069 ^b	,062	,076			
Fisher's Exact Test	5,939			,081 ^b	,074	,088			
Linear-by-Linear Association	,653 ^c	1	,419	,434 ^b	,421	,446	,242 ^b	,231	,253
N of Valid Cases	89								

a. 2 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,94.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 2000000.

c. The standardized statistic is -,808.

Tabela 7: Distribuição dos participantes por Idades - Adultos/Cuidadores

Grupo	N	Min.	Max.	M	DP	T	p
G. Controlo	47	32	57	41,23	5,821		
G. CPCJ	42	26	61	43,29	7,276	-1,476	.144

Tabela 8: Distribuição dos participantes – Crianças/Adolescentes

<i>Crianças/adolescentes</i>	<i>G. Controlo (n = 30)</i>	<i>G. CPCJ (n=30)</i>
	<i>n (%)</i>	<i>n (%)</i>
Sexo		
Feminino	13 (43,33%)	15 (50%)
Masculino	17 (56,66%)	15 (50%)
Habilitações literárias		
<4º ano	6 (20%)	8 (26,67%)
4º ano	5 (16,67%)	2 (6,66%)
6º ano	7 (23,33%)	11 (36,67%)
9º ano	10 (33,33%)	7(23,33%)
12º ano	2 (6, 66%)	2(6,66%)

Tabela 9: Teste do Qui-quadrado – em função Sexo das Crianças/Adolescentes

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	,268 ^b	1	,605	,796	,398	
Continuity Correction ^a	,067	1	,796			
Likelihood Ratio	,268	1	,605	,796	,398	
Fisher's Exact Test				,796	,398	
Linear-by-Linear Association	,263 ^c	1	,608	,796	,398	,179
N of Valid Cases	60					

a. Computed only for a 2x2 table

b. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 14,00.

c. The standardized statistic is -,513.

d. For 2x2 crosstabulation, exact results are provided instead of Monte Carlo results.

Tabela 10: Teste do Qui-quadrado – em função das Habilitações literárias das Crianças/Adolescentes

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)			Monte Carlo Sig. (1-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval		Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound		Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	2,990 ^a	4	,560	,562 ^b	,549	,575			
Likelihood Ratio	3,044	4	,551	,566 ^b	,553	,579			
Fisher's Exact Test	3,042			,549 ^b	,536	,562			
Linear-by-Linear Association	,167 ^c	1	,683	,759 ^b	,748	,770	,383 ^b	,370	,395
N of Valid Cases	60								

a. 4 cells (40,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,00.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 726961337.

c. The standardized statistic is -,408.

Tabela 11: Distribuição dos participantes por Idades – Crianças/Adolescentes

Grupo	N	Min.	Max.	M	DP	t	P
G. Controlo	30	7	16	11,33	2,708		
G. CPCJ	30	7	16	43,29	3,133	-,441	,661

Tabela 12: Distribuição das Crianças/Adolescentes pelo Grupo

SubgrupoCPCJ	N	%
Abuso Físico	4	6,7
Negligência	20	33,3
Abuso Psicológico	6	10,0
Sem Abuso	30	50,0
Total	60	100,0

Anexo 3: Características Psicométricas dos Instrumentos

Tabela 13: Alpha de Cronbach – EMBU-Pais (Grupo de Controle)

Alpha de Cronbach	N
,858	42

Tabela 14: Estatísticas Descritivas – EMBU-Pais (Grupo de Controle)

Média	Variância	Desvio-Padrão	N
106,13	148,383	12,181	42

Tabela 15: Estatísticas Itens-Total – EMBU-Pais (Grupo de Controle)

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EmbuPais1	102,89	143,788	,208	,858
EmbuPais2	104,17	143,080	,305	,856
EmbuPais3	102,67	139,202	,430	,853
EmbuPais4	103,98	132,733	,680	,846
EmbuPais5	104,48	142,300	,301	,856
EmbuPais6	104,09	133,370	,585	,848
EmbuPais7	103,93	137,707	,476	,852
EmbuPais8	104,59	146,026	,113	,859
EmbuPais9	102,91	139,148	,446	,853
EmbuPais10	102,96	146,976	,048	,861
EmbuPais11	104,93	142,685	,456	,854
EmbuPais12	103,87	144,383	,193	,858
EmbuPais13	104,11	140,232	,475	,852
EmbuPais14	104,67	143,469	,304	,856
EmbuPais15	102,33	146,136	,165	,858
EmbuPais16	102,87	143,005	,271	,856
EmbuPais17	103,65	137,610	,479	,852
EmbuPais18	103,91	143,281	,210	,858
EmbuPais19	102,98	138,822	,416	,853
EmbuPais20	103,09	141,548	,347	,855
EmbuPais21	103,59	145,892	,089	,861
EmbuPais22	103,33	148,269	-,018	,861
EmbuPais23	104,24	140,897	,417	,854
EmbuPais24	102,26	145,219	,311	,856
EmbuPais25	104,48	141,455	,364	,855
EmbuPais26	104,07	134,018	,714	,846
EmbuPais27	103,22	143,374	,224	,858
EmbuPais28	103,22	144,574	,199	,858
EmbuPais29	103,93	138,018	,446	,852
EmbuPais30	102,54	142,876	,307	,856
EmbuPais31	103,50	143,189	,210	,858
EmbuPais32	102,89	143,077	,217	,858
EmbuPais33	104,72	144,474	,238	,857
EmbuPais34	104,87	141,849	,422	,854
EmbuPais35	104,41	145,581	,131	,859
EmbuPais36	103,76	143,297	,243	,857
EmbuPais37	104,48	140,166	,387	,854
EmbuPais38	104,20	135,494	,658	,848
EmbuPais39	103,15	137,954	,391	,854
EmbuPais40	102,61	143,710	,287	,856
EmbuPais41	102,20	146,383	,321	,857
EmbuPais42	102,61	144,110	,302	,856

Tabela 16: Alpha de Cronbach – EMBU-Pais (Grupo CPCJ)

Alpha de Cronbach	N
,735	42

Tabela 17: Estatísticas Descritivas – EMBU-Pais (Grupo CPCJ)

Média	Variância	Desvio-Padrão	N
105,39	104,816	10,238	42

Tabela 18: Estatísticas Itens-Total – EMBU-Pais (Grupo CPCJ)

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EmbuPais1	102,14	95,152	,546	,714
EmbuPais2	103,50	102,029	,128	,734
EmbuPais3	102,08	98,764	,313	,725
EmbuPais4	103,25	101,393	,136	,735
EmbuPais5	103,67	101,829	,141	,734
EmbuPais6	103,36	94,466	,499	,714
EmbuPais7	103,56	96,425	,486	,717
EmbuPais8	103,83	108,371	-,311	,749
EmbuPais9	102,28	101,235	,188	,732
EmbuPais10	102,00	100,457	,231	,730
EmbuPais11	103,97	107,513	-,221	,747
EmbuPais12	103,58	107,907	-,255	,748
EmbuPais13	103,42	96,479	,348	,722
EmbuPais14	103,67	97,600	,326	,724
EmbuPais15	101,94	99,768	,288	,727
EmbuPais16	102,11	100,387	,231	,730
EmbuPais17	103,14	99,437	,241	,729
EmbuPais18	103,33	102,514	,114	,735
EmbuPais19	102,28	96,435	,418	,719
EmbuPais20	102,03	97,971	,373	,723
EmbuPais21	102,58	94,536	,632	,711
EmbuPais22	102,47	99,056	,318	,725
EmbuPais23	103,44	96,654	,372	,721
EmbuPais24	101,97	100,828	,220	,730
EmbuPais25	103,72	103,349	,052	,738
EmbuPais26	103,11	99,244	,273	,727
EmbuPais27	102,39	97,330	,464	,719
EmbuPais28	102,42	100,707	,241	,729
EmbuPais29	103,56	102,940	,074	,737
EmbuPais30	101,97	102,828	,069	,738
EmbuPais31	102,83	105,000	-,053	,744
EmbuPais32	102,14	99,266	,262	,728
EmbuPais33	103,81	107,875	-,246	,748
EmbuPais34	103,94	104,740	-,029	,740
EmbuPais35	103,36	98,352	,276	,727
EmbuPais36	102,64	97,552	,345	,723
EmbuPais37	103,72	107,635	-,216	,749
EmbuPais38	103,22	97,892	,299	,726
EmbuPais39	102,69	94,961	,408	,718
EmbuPais40	101,97	103,171	,075	,736
EmbuPais41	101,81	102,218	,166	,732
EmbuPais42	102,03	99,971	,280	,727

Tabela 19: Alpha de Cronbach – EMBU-Pais Subescala Suporte Emocional**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,872	14

Tabela 20: Estatísticas Descritivas – EMBU-Pais Subescala Suporte Emocional**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
44,45	42,204	6,496	14

Tabela 21: Estatísticas Itens-Total – EMBU-Pais Subescala Suporte Emocional**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EmbuPais 1	41,20	36,252	,543	,863
EmbuPais 10	41,15	35,594	,661	,857
EmbuPais 16	41,17	36,028	,601	,860
EmbuPais 20	41,25	34,517	,745	,852
EmbuPais 21	41,82	38,454	,294	,877
EmbuPais 22	41,57	38,387	,375	,871
EmbuPais 27	41,49	36,346	,549	,863
EmbuPais 28	41,49	36,974	,544	,863
EmbuPais 30	40,92	36,238	,589	,861
EmbuPais 32	41,22	36,894	,421	,871
EmbuPais 36	41,93	36,925	,443	,869
EmbuPais 40	40,97	36,941	,599	,861
EmbuPais 41	40,66	38,508	,574	,864
EmbuPais 42	40,99	36,407	,672	,858

Tabela 22: Alpha de Cronbach – EMBU-Pais Subescala Rejeição**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,848	17

Tabela 23: Estatísticas Descritivas – EMBU-Pais Subescala Rejeição**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
31,14	52,427	7,241	17

Tabela 24: Estatísticas Itens-Total – EMBU-Pais Subescala Rejeição

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EmbuPais2	29,23	47,545	,432	,841
EmbuPais4	29,00	47,247	,329	,848
EmbuPais5	29,48	46,676	,485	,838
EmbuPais8	29,62	47,839	,467	,840
EmbuPais11	29,86	46,898	,645	,833
EmbuPais12	29,12	48,245	,347	,845
EmbuPais13	29,16	45,291	,547	,835
EmbuPais14	29,57	45,707	,558	,834
EmbuPais17	28,79	46,520	,405	,843
EmbuPais18	29,02	47,035	,421	,841
EmbuPais25	29,50	45,900	,587	,833
EmbuPais31	28,52	49,829	,146	,856
EmbuPais33	29,66	47,050	,560	,836
EmbuPais34	29,80	45,619	,735	,828
EmbuPais35	29,30	48,613	,260	,850
EmbuPais37	29,50	45,076	,643	,830
EmbuPais38	29,09	45,921	,463	,839

Tabela 25: Alpha de Cronbach – EMBU-Pais Subescala Tentativa de Controlo**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,732	11

Tabela 26: Estatísticas Descritivas – EMBU-Pais Subescala Tentativa de Controlo**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
29,91	23,968	4,896	11

Tabela 27: Estatísticas Itens-Total – EMBU-Pais Subescala Tentativa de Controlo

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EmbuPais3	26,57	19,966	,413	,707
EmbuPais6	27,88	18,645	,514	,690
EmbuPais7	27,88	19,704	,466	,700
EmbuPais9	26,74	20,451	,412	,708
EmbuPais15	26,28	21,568	,314	,721
EmbuPais19	26,78	20,080	,378	,712
EmbuPais23	28,00	20,847	,327	,719
EmbuPais24	26,23	22,392	,202	,732
EmbuPais26	27,73	20,081	,421	,706
EmbuPais29	27,91	21,332	,228	,734
EmbuPais39	27,06	18,667	,450	,701

Tabela 28: Alpha de Cronbach – BSI (Grupo de Controlo)

Alpha de Cronbach	N
,972	53

Tabela 29: Estatísticas Descritivas – BSI (Grupo Controlo)

Média	Variância	Desvio-Padrão	N
90,00	881,826	29,696	53

Tabela 30: Estatísticas Itens-Total – BSI (Grupo de Controlo)

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
BSI1	87,60	841,072	,661	,971
BSI2	88,79	865,736	,530	,972
BSI3	88,51	865,516	,374	,972
BSI4	88,23	853,835	,508	,972
BSI5	88,17	843,101	,732	,971
BSI6	87,57	839,554	,671	,971
BSI7	88,36	846,366	,615	,971
BSI8	88,68	863,048	,497	,972
BSI9	88,62	848,285	,767	,971
BSI10	87,83	836,492	,714	,971
BSI11	88,36	847,366	,646	,971
BSI12	88,60	851,116	,670	,971
BSI13	88,64	854,279	,629	,971
BSI14	88,40	846,594	,657	,971
BSI15	88,36	854,236	,605	,972
BSI16	88,17	831,405	,783	,971
BSI17	87,79	824,997	,819	,971
BSI18	88,38	837,024	,783	,971
BSI19	88,45	840,426	,753	,971
BSI20	88,11	847,141	,619	,971
BSI21	88,19	850,202	,691	,971
BSI22	88,43	847,206	,610	,972
BSI23	88,53	840,646	,769	,971
BSI24	88,06	844,409	,685	,971
BSI25	87,85	846,043	,529	,972
BSI26	88,17	860,231	,423	,972
BSI27	87,68	849,005	,638	,971
BSI28	88,81	863,854	,521	,972
BSI29	88,49	843,473	,694	,971
BSI30	88,47	855,124	,554	,972
BSI31	88,53	846,559	,716	,971
BSI32	88,32	831,005	,826	,971
BSI33	88,36	842,975	,661	,971
BSI34	88,62	860,459	,587	,972
BSI35	87,96	845,259	,562	,972
BSI36	87,62	861,546	,393	,972
BSI37	88,21	844,519	,656	,971
BSI38	88,17	841,188	,749	,971
BSI39	88,60	847,811	,775	,971
BSI40	88,60	855,855	,586	,972
BSI41	88,55	848,687	,695	,971
BSI42	88,30	841,866	,744	,971
BSI43	88,62	858,154	,558	,972
BSI44	88,62	856,024	,673	,971
BSI45	88,87	865,157	,625	,972
BSI46	88,17	862,318	,380	,972
BSI47	88,57	873,641	,191	,972
BSI48	87,60	852,203	,420	,972
BSI49	88,32	856,396	,505	,972
BSI50	88,40	846,377	,643	,971
BSI51	88,11	843,619	,637	,971
BSI52	88,30	854,605	,564	,972
BSI53	88,30	839,996	,802	,971

Tabela 31: Alpha de Cronbach – BSI (Grupo CPCJ)

Alpha de Cronbach	N
,984	53

Tabela 32: Estatísticas Descritivas – BSI (Grupo CPCJ)

Média	Variância	Desvio-Padrão	N
86,68	1162,060	34,089	53

Tabela 33: Estatísticas Itens-Total – BSI (Grupo CPCJ)

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
BSI1	84,66	1121,312	,594	,984
BSI2	85,21	1116,982	,874	,984
BSI3	85,18	1115,938	,854	,984
BSI4	84,97	1115,053	,771	,984
BSI5	84,79	1121,522	,621	,984
BSI6	84,61	1120,894	,602	,984
BSI7	85,03	1116,567	,736	,984
BSI8	85,18	1117,398	,865	,984
BSI9	85,29	1121,509	,832	,984
BSI10	84,84	1123,164	,509	,985
BSI11	84,92	1127,913	,608	,984
BSI12	85,18	1121,019	,793	,984
BSI13	85,29	1122,644	,856	,984
BSI14	85,18	1125,073	,749	,984
BSI15	84,95	1124,376	,695	,984
BSI16	84,84	1123,055	,583	,984
BSI17	84,66	1122,015	,640	,984
BSI18	84,97	1117,648	,680	,984
BSI19	85,13	1114,280	,819	,984
BSI20	84,89	1114,475	,749	,984
BSI21	84,68	1123,141	,610	,984
BSI22	85,05	1113,457	,759	,984
BSI23	85,21	1115,738	,823	,984
BSI24	84,79	1116,711	,569	,985
BSI25	84,92	1120,399	,592	,984
BSI26	85,03	1112,513	,732	,984
BSI27	84,82	1124,857	,645	,984
BSI28	85,26	1121,929	,744	,984
BSI29	85,18	1116,262	,813	,984
BSI30	85,18	1117,235	,795	,984
BSI31	85,13	1120,820	,731	,984
BSI32	85,16	1123,326	,684	,984
BSI33	85,11	1123,070	,692	,984
BSI34	85,21	1113,738	,860	,984
BSI35	85,08	1117,480	,798	,984
BSI36	84,71	1121,941	,641	,984
BSI37	85,08	1114,129	,797	,984
BSI38	85,05	1117,943	,828	,984
BSI39	85,26	1116,794	,882	,984
BSI40	85,13	1116,820	,746	,984
BSI41	85,16	1116,623	,842	,984
BSI42	85,13	1121,307	,789	,984
BSI43	85,26	1116,902	,880	,984
BSI44	85,21	1118,225	,849	,984
BSI45	85,32	1118,222	,862	,984
BSI46	85,05	1117,727	,766	,984
BSI47	85,08	1120,021	,650	,984
BSI48	85,13	1119,198	,794	,984
BSI49	84,97	1122,513	,644	,984
BSI50	85,08	1110,994	,851	,984
BSI51	85,00	1120,486	,652	,984
BSI52	85,16	1117,055	,833	,984
BSI53	85,18	1114,425	,847	,984

Tabela 34: Alpha de Cronbach – CBCL (Grupo Controlo)

Alpha de Cronbach	N
,937	120

Tabela 35: Estatísticas Descritivas – CBCL (Grupo Controlo)

Média	Variância	Desvio-Padrão	N
30,74	351,338	18,744	120

Tabela 36: Estatísticas Itens-Total – CBCL (Grupo de Controlo)

	Correlações Item - Total	Alpha de Cronbach se item retirado
Cbcl1	,349	,937
Cbcl2	,056	,938
Cbcl3	,370	,936
Cbcl4	,199	,937
Cbcl5	,000	,937
Cbcl6	,257	,937
Cbcl7	,387	,936
Cbcl8	,459	,936
Cbcl9	,454	,936
Cbcl10	,611	,935
Cbcl11	,264	,937
Cbcl12	,297	,937
Cbcl13	,683	,935
Cbcl14	,671	,935
Cbcl15	,057	,937
Cbcl16	,332	,937
Cbcl17	,471	,936
Cbcl18	-,023	,937
Cbcl19	,522	,936
Cbcl20	,078	,937
Cbcl21	,287	,937
Cbcl22	,218	,937
Cbcl23	,125	,937
Cbcl24	,579	,935
Cbcl25	,402	,936
Cbcl26	,278	,937
Cbcl27	,451	,936
Cbcl28	,396	,936
Cbcl29	,207	,937
Cbcl30	,464	,936
Cbcl31	,479	,936
Cbcl32	,034	,938

Cbcl33	,509	,936
Cbcl34	,441	,937
Cbcl35	,475	,936
Cbcl36	,333	,937
Cbcl37	,394	,936
Cbcl38	,459	,936
Cbcl39	-,014	,938
Cbcl40	,436	,936
Cbcl41	,519	,936
Cbcl42	,237	,937
Cbcl43	,254	,937
Cbcl44	-,069	,939
Cbcl45	,411	,936
Cbcl46	,429	,936
Cbcl47	,454	,936
Cbcl48	,434	,936
Cbcl49	,447	,936
Cbcl50	,420	,936
Cbcl51	,163	,937
Cbcl52	,399	,936
Cbcl53	,211	,937
Cbcl54	,352	,937
Cbcl55	,177	,937
Cbcl56a	-,071	,938
Cbcl56b	,373	,936
Cbcl56c	,023	,937
Cbcl56d	,005	,937
Cbcl56e	,252	,937
Cbcl56f	,206	,937
Cbcl56g	,256	,937
Cbcl56h	,188	,937
Cbcl57	,333	,937
Cbcl58	,109	,937
Cbcl59	,339	,937
Cbcl60	,471	,937
Cbcl61	,511	,936
Cbcl62	,492	,936
Cbcl63	,274	,937
Cbcl64	,174	,937
Cbcl65	,501	,936
Cbcl66	,660	,935
Cbcl67	,269	,937
Cbcl68	,460	,936
Cbcl69	,374	,936
Cbcl70	,310	,937
Cbcl71	,646	,935
Cbcl72	,258	,937

Cbcl73	,000	,937
Cbcl74	,401	,936
Cbcl75	,340	,937
Cbcl76	,293	,937
Cbcl77	,105	,937
Cbcl78	,000	,937
Cbcl79	,256	,937
Cbcl80	,531	,936
Cbcl81	,471	,937
Cbcl82	,339	,937
Cbcl83	,337	,937
Cbcl84	,471	,937
Cbcl85	,272	,937
Cbcl86	,428	,936
Cbcl87	,509	,936
Cbcl88	,375	,936
Cbcl89	,292	,937
Cbcl90	,050	,937
Cbcl91	,183	,937
Cbcl92	,407	,936
Cbcl93	,459	,936
Cbcl94	,452	,936
Cbcl95	,340	,937
Cbcl96	-,056	,937
Cbcl97	,471	,937
Cbcl98	,094	,937
Cbcl99	,265	,937
Cbcl100	,455	,936
Cbcl101	,435	,936
Cbcl102	,499	,936
Cbcl103	,546	,936
Cbcl104	,340	,937
Cbcl105	,464	,936
Cbcl106	,471	,937
Cbcl107	,471	,937
Cbcl108	,543	,936
Cbcl109	,638	,936
Cbcl110	,471	,937
Cbcl111	,052	,937
Cbcl112	,201	,937
Cbcl113	,396	,937

Tabela 37: Alpha de Cronbach – CBCL (Grupo CPCJ)

Alpha de Cronbach	N
,993	120

Tabela 38: Estatísticas Descritivas – CBCL (Grupo CPCJ)

Média	Variância	Desvio-Padrão	N
49,33	2893,729	53,793	120

Tabela 39: Estatísticas Itens-Total – CBCL (Grupo CPCJ)

	Correlações Item - Total	Alpha de Cronbach se item retirado
Cbcl1	,581	,993
Cbcl2	,485	,993
Cbcl3	,506	,993
Cbcl4	,811	,993
Cbcl5	,715	,993
Cbcl6	,705	,993
Cbcl7	,596	,993
Cbcl8	,402	,993
Cbcl9	,651	,993
Cbcl10	,497	,993
Cbcl11	,549	,993
Cbcl12	,701	,993
Cbcl13	,787	,993
Cbcl14	,805	,993
Cbcl15	,855	,993
Cbcl16	,880	,993
Cbcl17	,909	,993
Cbcl18	,903	,993
Cbcl19	,644	,993
Cbcl20	,630	,993
Cbcl21	,741	,993
Cbcl22	,668	,993
Cbcl23	,530	,993
Cbcl24	,729	,993
Cbcl25	,683	,993
Cbcl26	,554	,993
Cbcl27	,796	,993
Cbcl28	,761	,993
Cbcl29	,645	,993
Cbcl30	,681	,993
Cbcl31	,834	,993
Cbcl32	,378	,993
Cbcl33	,691	,993
Cbcl34	,682	,993

Cbcl35	,802	,993
Cbcl36	,719	,993
Cbcl37	,864	,993
Cbcl38	,784	,993
Cbcl39	,714	,993
Cbcl40	,874	,993
Cbcl41	,751	,993
Cbcl42	,777	,993
Cbcl43	,791	,993
Cbcl44	,704	,993
Cbcl45	,672	,993
Cbcl46	,676	,993
Cbcl47	,677	,993
Cbcl48	,668	,993
Cbcl49	,818	,993
Cbcl50	,755	,993
Cbcl51	,850	,993
Cbcl52	,845	,993
Cbcl53	,428	,993
Cbcl54	,653	,993
Cbcl55	,462	,993
Cbcl56a	,688	,993
Cbcl56b	,660	,993
Cbcl56c	,783	,993
Cbcl56d	,263	,993
Cbcl56e	,542	,993
Cbcl56f	,750	,993
Cbcl56g	,845	,993
Cbcl56h	,710	,993
Cbcl57	,849	,993
Cbcl58	,759	,993
Cbcl59	,903	,993
Cbcl60	,903	,993
Cbcl61	,697	,993
Cbcl62	,794	,993
Cbcl63	,417	,993
Cbcl64	,741	,993
Cbcl65	,849	,993
Cbcl66	,906	,993
Cbcl67	,867	,993
Cbcl68	,649	,993
Cbcl69	,717	,993
Cbcl70	,869	,993
Cbcl71	,731	,993
Cbcl72	,819	,993
Cbcl73	,889	,993
Cbcl74	,652	,993

Cbcl75	,708	,993
Cbcl76	,826	,993
Cbcl77	,786	,993
Cbcl78	,860	,993
Cbcl79	,832	,993
Cbcl80	,845	,993
Cbcl81	,886	,993
Cbcl82	,819	,993
Cbcl83	,869	,993
Cbcl84	,897	,993
Cbcl85	,897	,993
Cbcl86	,711	,993
Cbcl87	,843	,993
Cbcl88	,675	,993
Cbcl89	,730	,993
Cbcl90	,794	,993
Cbcl91	,905	,993
Cbcl92	,835	,993
Cbcl93	,690	,993
Cbcl94	,809	,993
Cbcl95	,767	,993
Cbcl96	,874	,993
Cbcl97	,863	,993
Cbcl98	,869	,993
Cbcl99	,512	,993
Cbcl100	,703	,993
Cbcl101	,815	,993
Cbcl102	,802	,993
Cbcl103	,782	,993
Cbcl104	,811	,993
Cbcl105	,857	,993
Cbcl106	,842	,993
Cbcl107	,854	,993
Cbcl108	,854	,993
Cbcl109	,816	,993
Cbcl110	,848	,993
Cbcl111	,816	,993
Cbcl112	,657	,993
Cbcl113	,881	,993

Tabela 40: Alpha de Cronbach – EMBU-C (Grupo de Controlo)

Alpha de Cronbach	N
,822	32

Tabela 41: Estatísticas Descritivas – EMBU-C (Grupo de Controlo)

Média	Variância	Desvio-Padrão	N
85,65	140,964	11,873	32

Tabela 42: Estatísticas Itens-Total – EMBU-C (Grupo de Controlo)

	Correlações Item - Total	Alpha de Cronbach se item retirado
EmbuCri1	,213	,820
EmbuCri2	-,025	,827
EmbuCri3	,431	,813
EmbuCri4	,423	,813
EmbuCri5	,141	,824
EmbuCri6	,782	,799
EmbuCri7	,833	,801
EmbuCri8	,466	,811
EmbuCri9	,662	,806
EmbuCri10	,164	,823
EmbuCri11	,084	,826
EmbuCri12	,641	,805
EmbuCri13	,379	,815
EmbuCri14	,609	,808
EmbuCri15	,639	,804
EmbuCri16	,072	,822
EmbuCri17	-,137	,833
EmbuCri18	-,387	,843
EmbuCri19	,702	,801
EmbuCri20	,676	,804
EmbuCri21	,297	,818
EmbuCri22	,128	,826
EmbuCri23	,101	,824
EmbuCri24	,812	,799
EmbuCri25	,240	,819
EmbuCri26	,052	,824
EmbuCri27	,231	,820
EmbuCri28	-,129	,828

EmbuCri29	,538	,809
EmbuCri30	,591	,810
EmbuCri31	-,069	,830
EmbuCri32	,303	,817

Tabela 43: Alpha de Cronbach – EMBU-C (Grupo CPCJ)

Alpha de Cronbach	N
,932	32

Tabela 44: Estatísticas Descritivas – EMBU-C (Grupo CPCJ)

Média	Variância	Desvio-Padrão	N
71,75	356,750	18,888	32

Tabela 45: Estatísticas Itens-Total – EMBU-C (Grupo CPCJ)

	Correlações Item - Total	Alpha de Cronbach se item retirado
EmbuCri1	,830	,926
EmbuCri2	,453	,931
EmbuCri3	,811	,926
EmbuCri4	,565	,930
EmbuCri5	,726	,928
EmbuCri6	,636	,929
EmbuCri7	,888	,926
EmbuCri8	,543	,930
EmbuCri9	,846	,926
EmbuCri10	,320	,932
EmbuCri11	-,145	,935
EmbuCri12	,406	,931
EmbuCri13	,636	,929
EmbuCri14	,475	,931
EmbuCri15	,217	,933
EmbuCri16	,897	,925
EmbuCri17	,444	,931
EmbuCri18	-,059	,935
EmbuCri19	,381	,932
EmbuCri20	,833	,926
EmbuCri21	,400	,931
EmbuCri22	,320	,932
EmbuCri23	,588	,929

EmbuCri24	,796	,927
EmbuCri25	,535	,930
EmbuCri26	-,117	,935
EmbuCri27	,386	,932
EmbuCri28	,096	,934
EmbuCri29	,451	,931
EmbuCri30	,766	,927
EmbuCri31	,659	,928
EmbuCri32	,700	,928

Tabela 46: Alpha de Cronbach – EMBU-Crianças Subescala Suporte Emocional

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,936	14

Tabela 47: Estatísticas Descritivas – EMBU-Crianças Subescala Suporte Emocional

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
40,86	116,600	10,798	14

Tabela 48: Estatísticas Itens-Total – EMBU-Crianças Subescala Suporte Emocional

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EmbuCri1	37,68	103,656	,656	,932
EmbuCri3	38,27	104,113	,529	,936
EmbuCri7	37,68	97,656	,901	,925
EmbuCri9	37,64	98,623	,836	,927
EmbuCri12	37,91	99,515	,767	,929
EmbuCri13	38,23	103,708	,502	,937
EmbuCri14	38,05	101,665	,686	,931
EmbuCri16	37,36	103,100	,683	,932
EmbuCri20	38,00	98,095	,809	,928
EmbuCri21	38,45	108,260	,398	,939
EmbuCri24	38,00	96,476	,853	,926
EmbuCri27	37,59	101,206	,627	,933
EmbuCri29	38,50	97,976	,805	,928
EmbuCri32	37,86	100,409	,642	,933

Tabela 49: Alpha de Cronbach – EMBU-Crianças Subescala Rejeição**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,633	8

Tabela 50: Estatísticas Descritivas – EMBU-Crianças Subescala Rejeição**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
13,64	14,052	3,749	8

Tabela 51: Estatísticas Itens-Total – EMBU-Crianças Subescala Rejeição**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EmbuCri2	11,27	14,874	-,235	,739
EmbuCri10	11,91	10,277	,444	,565
EmbuCri11	12,09	12,468	,079	,675
EmbuCri17	12,18	9,775	,660	,506
EmbuCri25	11,64	10,623	,426	,572
EmbuCri26	12,23	11,232	,464	,571
EmbuCri28	12,32	11,180	,493	,566
EmbuCri31	11,82	10,156	,532	,541

Tabela 52: Alpha de Cronbach – EMBU-Crianças Subescala Tentativa de Controlo**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,751	10

Tabela 53: Estatísticas Descritivas – EMBU-Crianças Subescala Tentativa de Controlo**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
23,64	39,576	6,291	10

Tabela 54: Estatísticas Itens-Total – EMBU-Crianças Subescala Tentativa de Controlo

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EmbuCri4	21,55	31,117	,463	,723
EmbuCri5	20,95	33,284	,385	,734
EmbuCri6	20,95	28,998	,730	,680
EmbuCri8	20,95	34,426	,333	,741
EmbuCri15	21,50	32,643	,441	,726
EmbuCri18	21,77	38,565	,002	,779
EmbuCri19	21,32	30,799	,570	,706
EmbuCri22	21,82	37,013	,102	,771
EmbuCri23	21,36	34,338	,370	,736
EmbuCri30	20,55	28,260	,719	,678

Tabela 55: Alpha de Cronbach – EMBU-A (Grupo de Controlo)

Alpha de Cronbach	N
,882	48

Tabela 56: Estatísticas Descritivas – EMBU-A (Grupo de Controlo)

Média	Variância	Desvio-Padrão	N
123,24	260,490	16,140	48

Tabela 57: Estatísticas Itens-Total – EMBU-A (Grupo de Controlo)

	Correlações Item - Total	Alpha de Cronbach se item retirado
EmbuAdol1	,356	,879
EmbuAdol2	,289	,880
EmbuAdol3	,467	,878
EmbuAdol4	,677	,876
EmbuAdol5	,434	,878
EmbuAdol6	-,029	,886
EmbuAdol7	-,075	,888
EmbuAdol8	,470	,878
EmbuAdol9	,542	,877
EmbuAdol10	,303	,880
EmbuAdol11	,050	,884
EmbuAdol12	,089	,885
EmbuAdol13	,357	,880

EmbuAdol14	,355	,879
EmbuAdol15	,647	,874
EmbuAdol16	,479	,878
EmbuAdol17	,510	,876
EmbuAdol18	,625	,875
EmbuAdol19	,731	,873
EmbuAdol20	,685	,877
EmbuAdol21	-,025	,884
EmbuAdol22	,535	,876
EmbuAdol23	,479	,877
EmbuAdol24	,322	,880
EmbuAdol25	,303	,880
EmbuAdol26	-,233	,887
EmbuAdol27	,469	,877
EmbuAdol28	,613	,875
EmbuAdol29	,592	,875
EmbuAdol30	,464	,878
EmbuAdol31	,558	,876
EmbuAdol32	,465	,877
EmbuAdol33	,434	,878
EmbuAdol34	,166	,882
EmbuAdol35	,337	,879
EmbuAdol36	,210	,881
EmbuAdol37	,198	,881
EmbuAdol38	,553	,878
EmbuAdol39	,622	,877
EmbuAdol40	,191	,883
EmbuAdol41	,388	,879
EmbuAdol42	-,171	,886
EmbuAdol43	,195	,882
EmbuAdol44	,299	,880
EmbuAdol45	,232	,881
EmbuAdol46	,248	,881
EmbuAdol47	,622	,877
EmbuAdol48	,166	,882

Tabela 58: Alpha de Cronbach – EMBU-A (Grupo CPCJ)

Alpha de Cronbach	N
,869	48

Tabela 59: Estatísticas Descritivas – EMBU-A (Grupo CPCJ)

Média	Variância	Desvio-Padrão	N
123,00	318,522	17,847	48

Tabela 60: Estatísticas Itens-Total – EMBU-A (Grupo CPCJ)

	Correlações Item - Total	Alpha de Cronbach se item retirado
EmbuAdol1	,356	,866
EmbuAdol2	,280	,868
EmbuAdol3	,371	,866
EmbuAdol4	,543	,863
EmbuAdol5	,260	,868
EmbuAdol6	,001	,871
EmbuAdol7	,564	,863
EmbuAdol8	,048	,872
EmbuAdol9	,271	,868
EmbuAdol10	,479	,864
EmbuAdol11	,464	,864
EmbuAdol12	,577	,862
EmbuAdol13	,528	,863
EmbuAdol14	,658	,861
EmbuAdol15	,619	,862
EmbuAdol16	,211	,869
EmbuAdol17	,414	,865
EmbuAdol18	,504	,864
EmbuAdol19	,402	,865
EmbuAdol20	,500	,864
EmbuAdol21	,014	,871
EmbuAdol22	,577	,861
EmbuAdol23	-,200	,876
EmbuAdol24	,120	,871
EmbuAdol25	,255	,868
EmbuAdol26	-,070	,875
EmbuAdol27	,396	,865
EmbuAdol28	,434	,865
EmbuAdol29	,563	,863

EmbuAdol30	,561	,862
EmbuAdol31	,565	,862
EmbuAdol32	-,007	,873
EmbuAdol33	,449	,864
EmbuAdol34	,679	,860
EmbuAdol35	,621	,862
EmbuAdol36	-,179	,874
EmbuAdol37	,298	,867
EmbuAdol38	,288	,867
EmbuAdol39	,066	,871
EmbuAdol40	,223	,869
EmbuAdol41	,416	,865
EmbuAdol42	,243	,868
EmbuAdol43	,505	,864
EmbuAdol44	-,159	,876
EmbuAdol45	,194	,869
EmbuAdol46	,226	,868
EmbuAdol47	,101	,870
EmbuAdol48	,310	,867

Tabela 61: Alpha de Cronbach – EMBU-Adolescentes Subescala Suporte Emocional

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,952	18

Tabela 62: Estatísticas Descritivas – EMBU- Adolescentes Subescala Suporte Emocional

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
36,03	177,892	13,338	18

Tabela 63: Estatísticas Itens-Total – EMBU-Adolescentes Subescala Suporte Emocional

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EmbuAdol2	33,86	162,123	,630	,951
EmbuAdol8	34,28	160,135	,700	,950
EmbuAdol9	33,72	162,135	,602	,951
EmbuAdol15	33,79	158,099	,702	,950
EmbuAdol18	34,21	159,741	,677	,950
EmbuAdol21	34,52	161,759	,733	,949
EmbuAdol23	34,24	158,261	,730	,949
EmbuAdol24	33,69	162,007	,518	,953
EmbuAdol25	34,24	157,047	,780	,948
EmbuAdol28	33,76	159,618	,686	,950
EmbuAdol29	33,66	158,734	,709	,949
EmbuAdol32	33,93	154,495	,828	,947
EmbuAdol36	34,34	161,091	,708	,950
EmbuAdol40	33,93	155,781	,751	,949
EmbuAdol44	34,31	156,579	,784	,948
EmbuAdol45	34,14	161,695	,672	,950
EmbuAdol46	34,17	158,433	,741	,949
EmbuAdol48	33,79	156,456	,797	,948

Tabela 64: Alpha de Cronbach – EMBU-Adolescentes Subescala Sobreproteção

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,660	15

Tabela 65: Estatísticas Descritivas – EMBU- Adolescentes Subescala Sobreproteção

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
40,42	37,993	6,164	15

Tabela 66: Estatísticas Itens-Total – EMBU-Adolescentes Subescala Sobreproteção

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EmbuAdol1	37,33	37,884	-,057	,682
EmbuAdol6	38,33	37,188	-,005	,680
EmbuAdol7	37,25	33,326	,361	,633
EmbuAdol8	38,71	35,868	,120	,664
EmbuAdol9	38,25	32,543	,412	,625
EmbuAdol10	37,21	33,389	,302	,640
EmbuAdol11	37,00	34,696	,223	,651
EmbuAdol12	38,00	33,130	,288	,642
EmbuAdol14	38,04	32,476	,366	,630
EmbuAdol17	37,75	30,891	,442	,616
EmbuAdol22	37,46	32,433	,356	,632
EmbuAdol27	37,29	35,781	,130	,662
EmbuAdol30	37,63	33,201	,341	,635
EmbuAdol31	37,46	33,129	,360	,633
EmbuAdol43	38,13	32,549	,390	,628

Tabela 67: Alpha de Cronbach – EMBU-Adolescentes Subescala Rejeição

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,918	19

Tabela 68: Estatísticas Descritivas – EMBU- Adolescentes Subescala Rejeição

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
65,69	92,942	9,641	19

Tabela 69: Estatísticas Itens-Total – EMBU-Adolescentes Subescala Rejeição

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EmbuAdol3	62,46	81,058	,821	,909
EmbuAdol4	62,00	83,200	,749	,911
EmbuAdol5	62,08	86,954	,386	,919
EmbuAdol7	62,46	84,818	,436	,918
EmbuAdol10	62,42	85,774	,332	,922
EmbuAdol11	62,19	82,402	,591	,914
EmbuAdol13	62,12	81,946	,760	,910
EmbuAdol16	62,15	86,695	,437	,917
EmbuAdol20	61,96	85,078	,673	,913
EmbuAdol26	62,92	84,394	,377	,922
EmbuAdol33	62,19	80,242	,732	,910
EmbuAdol34	62,23	85,545	,583	,914
EmbuAdol35	62,27	86,125	,536	,915
EmbuAdol37	62,42	84,574	,473	,917
EmbuAdol38	61,96	84,038	,771	,911
EmbuAdol39	62,19	80,402	,765	,909
EmbuAdol41	62,23	84,505	,612	,914
EmbuAdol42	62,12	82,026	,701	,911
EmbuAdol47	62,08	82,314	,737	,911

Tabela 70: Alpha de Cronbach – YSR (Grupo de Controlo)

Alpha de Cronbach	N
,908	119

Tabela 71: Estatísticas Descritivas – YSR (Grupo de Controlo)

Média	Variância	Desvio-Padrão	N
55,75	324,867	18,024	119

Tabela 72: Estatísticas Itens-Total – YSR (Grupo de Controlo)

	Correlações Item -Total	Alpha de Cronbach se item retirado
YSR1	,177	,908
YSR2	,421	,906
YSR3	,293	,907
YSR4	,029	,909
YSR5	-,128	,908

YSR6	,122	,908
YSR7	,204	,907
YSR8	-,256	,911
YSR9	,125	,908
YSR10	,444	,906
YSR11	,621	,905
YSR12	,742	,904
YSR13	,590	,905
YSR14	,436	,906
YSR15	-,202	,910
YSR16	,232	,907
YSR17	,176	,908
YSR18	,677	,906
YSR19	,476	,906
YSR20	,248	,907
YSR21	,669	,905
YSR22	,065	,908
YSR23	,410	,906
YSR24	,509	,906
YSR25	,567	,906
YSR26	,581	,905
YSR27	,457	,906
YSR28	,149	,908
YSR29	,040	,909
YSR30	,000	,908
YSR31	,162	,908
YSR32	,305	,907
YSR33	-,334	,909
YSR34	,669	,905
YSR35	-,157	,909
YSR36	,636	,905
YSR37	,598	,906
YSR38	,677	,906
YSR39	,185	,908
YSR40	,000	,908
YSR41	,460	,906
YSR42	,555	,905
YSR43	,595	,905
YSR44	,322	,907
YSR45	,154	,908
YSR46	,468	,906
YSR47	,278	,907
YSR48	,000	,908
YSR49	,179	,908
YSR50	,430	,906
YSR51	,635	,905
YSR52	-,180	,909

YSR53	,279	,907
YSR54	,049	,908
YSR55	,083	,908
YSR56a	,374	,906
YSR56b	,233	,907
YSR56c	,553	,905
YSR56d	,057	,909
YSR56e	,371	,906
YSR56f	,445	,906
YSR56g	,622	,906
YSR56h	,677	,906
YSR57	,677	,906
YSR58	-,006	,908
YSR59	-,336	,910
YSR60	,060	,908
YSR61	,067	,908
YSR62	,503	,905
YSR63	,455	,906
YSR64	,455	,906
YSR65	,701	,904
YSR66	,476	,906
YSR67	,677	,906
YSR68	,392	,907
YSR69	,287	,907
YSR70	,183	,908
YSR71	,612	,905
YSR72	,669	,905
YSR73	,161	,908
YSR74	,579	,905
YSR75	-,203	,910
YSR76	,489	,906
YSR77	,215	,907
YSR78	,105	,908
YSR79	,062	,908
YSR80	,080	,908
YSR81	,677	,906
YSR82	,669	,905
YSR83	,095	,908
YSR84	,183	,908
YSR85	,183	,908
YSR86	-,164	,910
YSR87	,195	,907
YSR88	-,110	,910
YSR89	,144	,908
YSR90	,559	,905
YSR91	,248	,907
YSR92	,316	,907

YSR93	,067	,909
YSR94	,351	,907
YSR95	,401	,907
YSR96	,567	,906
YSR97	,094	,908
YSR98	,225	,907
YSR99	,227	,908
YSR100	,258	,907
YSR101	,412	,907
YSR102	,250	,907
YSR103	,669	,905
YSR104	-,234	,910
YSR105	,000	,908
YSR106	-,237	,911
YSR107	-,197	,910
YSR108	-,310	,912
YSR109	,354	,906
YSR110	,677	,906
YSR111	,380	,906
YSR112	,297	,907

Tabela 73: Alpha de Cronbach – YSR (Grupo CPCJ)

Alpha de Cronbach	N
,920	119

Tabela 74: Estatísticas Descritivas – YSR (Grupo CPCJ)

Média	Variância	Desvio-Padrão	N
71,71	473,297	21,755	199

Tabela 75: Estatísticas Itens-Total – YSR (Grupo CPCJ)

	Correlações Item - Total	Alpha de Cronbach se item retirado
YSR1	-,041	,921
YSR2	-,212	,923
YSR3	-,004	,921
YSR4	-,021	,921
YSR5	,398	,919
YSR6	-,389	,922
YSR7	,447	,919
YSR8	-,006	,921
YSR9	,182	,920

YSR10	,176	,920
YSR11	,419	,919
YSR12	,426	,919
YSR13	,328	,919
YSR14	,544	,918
YSR15	-,032	,921
YSR16	,519	,919
YSR17	-,008	,921
YSR18	,465	,919
YSR19	,411	,919
YSR20	,329	,919
YSR21	,519	,919
YSR22	,382	,919
YSR23	,196	,920
YSR24	,417	,919
YSR25	,244	,920
YSR26	-,036	,922
YSR27	,244	,920
YSR28	-,254	,922
YSR29	,535	,918
YSR30	,298	,920
YSR31	,184	,920
YSR32	,714	,917
YSR33	,209	,920
YSR34	,615	,918
YSR35	,404	,919
YSR36	,490	,919
YSR37	,389	,919
YSR38	,447	,919
YSR39	,645	,918
YSR40	,518	,918
YSR41	,607	,918
YSR42	,813	,917
YSR43	,674	,918
YSR44	,217	,920
YSR45	,726	,917
YSR46	,245	,920
YSR47	,364	,919
YSR48	,139	,920
YSR49	,326	,920
YSR50	,697	,917
YSR51	,754	,918
YSR52	,405	,919
YSR53	-,094	,921
YSR54	,269	,920
YSR55	,037	,921
YSR56a	-,015	,921

YSR56b	,161	,920
YSR56c	,560	,919
YSR56d	,191	,920
YSR56e	,169	,920
YSR56f	,429	,919
YSR56g	,650	,918
YSR56h	,495	,918
YSR57	,519	,919
YSR58	,675	,917
YSR59	-,329	,922
YSR60	,037	,921
YSR61	,131	,920
YSR62	,057	,921
YSR63	-,341	,923
YSR64	,648	,917
YSR65	,123	,920
YSR66	,662	,918
YSR67	,243	,920
YSR68	,379	,919
YSR69	-,042	,921
YSR70	,560	,919
YSR71	,649	,918
YSR72	,519	,919
YSR73	,002	,922
YSR74	,238	,920
YSR75	,757	,917
YSR76	,428	,919
YSR77	,003	,921
YSR78	,046	,921
YSR79	,511	,918
YSR80	,161	,920
YSR81	,519	,919
YSR82	,519	,919
YSR83	,657	,917
YSR84	,746	,917
YSR85	,579	,919
YSR86	,130	,920
YSR87	,726	,917
YSR88	-,060	,921
YSR89	,607	,918
YSR90	,596	,918
YSR91	,465	,919
YSR92	-,014	,921
YSR93	,092	,920
YSR94	,600	,918
YSR95	,718	,918
YSR96	,398	,919

YSR97	,452	,919
YSR98	-,220	,922
YSR99	,078	,921
YSR100	,169	,920
YSR101	,541	,919
YSR102	,513	,919
YSR103	,607	,918
YSR104	,341	,919
YSR105	,491	,919
YSR106	-,309	,923
YSR107	-,216	,923
YSR108	-,193	,922
YSR109	-,167	,922
YSR110	,305	,920
YSR111	-,154	,922
YSR112	,347	,919

Anexo 4 – Resultados

Tabela 76: Teste t-Student – Comparação das médias da A. de Controlo e da CPCJ

		Independent Samples Test								
		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means					95% Confidence Interval of the Difference	
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Lower	Upper
CBCLOposição	Equal variances assumed	9,054	,003	-,744	83	,459	-,97088	1,30495	-3,56637	1,62460
	Equal variances not assumed			-,716	62,978	,477	-,97088	1,35685	-3,68235	1,74058
CBCLAgressividade	Equal variances assumed	29,706	,000	-2,420	87	,018	-2,22898	,92114	-4,05985	-,39810
	Equal variances not assumed			-2,318	51,038	,025	-2,22898	,96171	-4,15966	-,29830
CBCLDepressão	Equal variances assumed	17,844	,000	-2,366	86	,020	-2,18737	,92456	-4,02533	-,34942
	Equal variances not assumed			-2,295	56,079	,025	-2,18737	,95298	-4,09636	-,27838
CBCLAtençãoHiperat	Equal variances assumed	2,324	,131	-,455	86	,651	-,39232	,86314	-2,10818	1,32354
	Equal variances not assumed			-,448	77,149	,655	-,39232	,87535	-2,13531	1,35067
CBCLProbSociais	Equal variances assumed	2,745	,101	-,686	86	,495	-,37052	,54008	-1,44417	,70313
	Equal variances not assumed			-,670	70,641	,505	-,37052	,55276	-1,47280	,73175
CBCLSomatização	Equal variances assumed	16,447	,000	-2,095	86	,039	-,87442	,41744	-1,70425	-,04458
	Equal variances not assumed			-2,011	57,552	,049	-,87442	,43476	-1,74482	-,00402
CBCLIsolamento	Equal variances assumed	5,011	,028	,262	86	,794	,13648	,52144	-,90010	1,17306
	Equal variances not assumed			,257	72,990	,798	,13648	,53198	-,92376	1,19672
CBCLAnsiedade	Equal variances assumed	5,405	,022	-,992	85	,324	-,51489	,51926	-1,54733	,51754
	Equal variances not assumed			-,959	64,760	,341	-,51489	,53690	-1,58723	,55745
CBCLObseSquizoide	Equal variances assumed	4,975	,028	,515	87	,608	,32675	,63404	-,93347	1,58697
	Equal variances not assumed			,502	65,805	,617	,32675	,65107	-,97323	1,62672
EvitantePais	Equal variances assumed	,005	,945	,610	83	,543	,736	1,206	-1,662	3,134
	Equal variances not assumed			,612	82,376	,542	,736	1,203	-1,658	3,130
AnsiAmbivaPaisPais	Equal variances assumed	,013	,909	,263	84	,793	,495	1,878	-3,241	4,230
	Equal variances not assumed			,264	82,665	,793	,495	1,876	-3,238	4,227
SeguroPais	Equal variances assumed	9,796	,002	-,258	82	,797	-,520	2,018	-4,535	3,494
	Equal variances not assumed			-,252	64,126	,801	-,520	2,061	-4,638	3,597
BSISomatizaçãot	Equal variances assumed	1,057	,307	,171	87	,864	,02128	,12418	-,22554	,26809
	Equal variances not assumed			,170	83,136	,865	,02128	,12490	-,22714	,26969
BSIPOCT	Equal variances assumed	1,177	,281	1,351	87	,180	,18490	,13683	-,08705	,45686
	Equal variances not assumed			1,345	83,609	,182	,18490	,13751	-,08857	,45838
BSISensiCorporalT	Equal variances assumed	,089	,766	,436	87	,664	,06611	,15160	-,23521	,36743
	Equal variances not assumed			,436	85,648	,664	,06611	,15170	-,23548	,36770
BSIDepressãoT	Equal variances assumed	,928	,338	,534	84	,595	,08783	,16446	-,23921	,41488
	Equal variances not assumed			,543	83,990	,589	,08783	,16176	-,23384	,40951
BSIAnsiedadeT	Equal variances assumed	,901	,345	,479	87	,633	,06349	,13252	-,19990	,32689
	Equal variances not assumed			,478	84,709	,634	,06349	,13290	-,20076	,32775
BSIHostilidadeT	Equal variances assumed	1,387	,242	,507	85	,614	,07362	,14529	-,21526	,36249
	Equal variances not assumed			,504	80,415	,616	,07362	,14619	-,21729	,36452
BSIFóbicaT	Equal variances assumed	7,067	,009	-,980	87	,330	-,12351	,12601	-,37396	1,2695
	Equal variances not assumed			-,961	72,414	,340	-,12351	,12848	-,37961	1,3260
BSIParanoideT	Equal variances assumed	1,316	,255	1,926	87	,057	,29595	,15370	-,00955	,60144
	Equal variances not assumed			1,919	84,568	,058	,29595	,15419	-,01064	,60254
BSIPsicoticismoT	Equal variances assumed	2,262	,136	,413	87	,680	,05350	,12943	-,20377	,31076
	Equal variances not assumed			,409	79,076	,684	,05350	,13095	-,20716	,31415
IGS	Equal variances assumed	1,341	,250	,479	83	,633	,06256	,13060	-,19720	,32233
	Equal variances not assumed			,472	73,942	,638	,06256	,13254	-,20153	,32665
SuportePais	Equal variances assumed	30,890	,000	-,596	85	,553	-,836	1,403	-3,625	1,953
	Equal variances not assumed			-,571	58,849	,570	-,836	1,464	-3,766	2,094
RejeiçãoPais	Equal variances assumed	2,382	,126	,077	84	,939	,121	1,575	-3,011	3,252
	Equal variances not assumed			,076	79,168	,940	,121	1,586	-3,037	3,278
ControloPais	Equal variances assumed	1,651	,202	1,810	84	,074	1,894	1,047	-,187	3,975
	Equal variances not assumed			1,837	83,924	,070	1,894	1,031	-,156	3,945
CBCLTotal	Equal variances assumed	22,725	,000	-2,109	74	,038	-18,589	8,815	-36,153	-1,025
	Equal variances not assumed			-1,899	37,990	,065	-18,589	9,791	-38,410	1,231

Tabela 77: Teste t-Student – Comparação das médias da A. de Controlo e da CPCJ

Group Statistics					
	Grupo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
CBCLOposição	controlo	47	6,7660	4,86877	,71018
	CPCJ	38	7,7368	7,12697	1,15615
CBCLAgressividade	controlo	47	2,7234	2,18395	,31856
	CPCJ	42	4,9524	5,88073	,90742
CBCLDepressão	controlo	46	2,2174	2,57262	,37931
	CPCJ	42	4,4048	5,66573	,87424
CBCLAtençãoHiperat	controlo	47	4,6809	3,63023	,52952
	CPCJ	41	5,0732	4,46313	,69702
CBCLProbSociais	controlo	47	2,5319	2,08359	,30392
	CPCJ	41	2,9024	2,95639	,46171
CBCLSomatização	controlo	47	,8085	1,27924	,18660
	CPCJ	41	1,6829	2,51435	,39268
CBCLsolamento	controlo	47	3,2340	2,07692	,30295
	CPCJ	41	3,0976	2,80004	,43729
CBCLAnsiedade	controlo	47	2,0851	1,88622	,27513
	CPCJ	40	2,6000	2,91592	,46105
CBCLObseSquizoide	controlo	47	3,2553	2,21132	,32255
	CPCJ	42	2,9286	3,66521	,56555
EvitantePais	controlo	45	29,91	5,632	,840
	CPCJ	40	29,18	5,453	,862
AnsiAmbivaPaisPais	controlo	46	33,37	8,747	1,290
	CPCJ	40	32,88	8,621	1,363
SeguroPais	controlo	44	52,95	6,982	1,053
	CPCJ	40	53,48	11,209	1,772
BSISomatizaçãot	controlo	47	1,3070	,55567	,08105
	CPCJ	42	1,2857	,61587	,09503
BSIPOCT	controlo	47	1,9468	,61690	,08998
	CPCJ	42	1,7619	,67389	,10398
BSISensiCorporalT	controlo	47	1,7447	,70996	,10356
	CPCJ	42	1,6786	,71841	,11085
BSIDepressãoT	controlo	47	1,7801	,81658	,11911
	CPCJ	39	1,6923	,68349	,10945
BSIAnsiedadeT	controlo	47	1,6667	,60891	,08882
	CPCJ	42	1,6032	,64071	,09886
BSIHostilidadeT	controlo	47	1,6936	,65122	,09499
	CPCJ	40	1,6200	,70281	,11112
BSIFóbicaT	controlo	47	1,3574	,48622	,07092
	CPCJ	42	1,4810	,69431	,10713
BSIParanoideT	controlo	47	2,0340	,70442	,10275
	CPCJ	42	1,7381	,74505	,11496
BSIPsicoticismoT	controlo	47	1,5106	,54662	,07973
	CPCJ	42	1,4571	,67323	,10388
IGS	controlo	47	1,6981	,56029	,08173
	CPCJ	38	1,6356	,64319	,10434
SuportePais	controlo	47	44,06	4,589	,669
	CPCJ	40	44,90	8,236	1,302
RejeiçãoPais	controlo	46	31,20	6,911	1,019
	CPCJ	40	31,08	7,691	1,216
ControloPais	controlo	47	30,77	5,159	,753
	CPCJ	39	28,87	4,402	,705
CBCLTotal	controlo	43	30,74	18,744	2,858
	CPCJ	33	49,33	53,793	9,364

Tabela 78: Regressão Linear Múltipla – para a subescala Suporte (EMBU-P)**Variables Entered/Removed^b**

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	BSIParanoideT, Grupo	.	Enter

a. All requested variables entered.

b. Dependent Variable: SuportePais

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,311 ^a	,097	,075	6,247

a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	351,574	2	175,787	4,505	,014 ^a
	Residual	3277,943	84	39,023		
	Total	3629,517	86			

a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo

b. Dependent Variable: SuportePais

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	49,551	2,989		16,578	,000		
	Grupo	,073	1,369	,006	,054	,957	,964	1,037
	BSIParanoideT	-2,734	,931	-,310	-2,936	,004	,964	1,037

a. Dependent Variable: SuportePais

Collinearity Diagnostics^b

Model	Dimension	Eigenvalue	Condition Index	Variance Proportions		
				(Constant)	Grupo	BSIParanoideT
1	1	2,828	1,000	,01	,01	,01
	2	,139	4,507	,00	,33	,48
	3	,033	9,268	,99	,66	,50

a. Dependent Variable: SuportePais

Tabela 79: Regressão Linear Múltipla – para a subescala Rejeição (EMBU-P)**Variables Entered/Removed^d**

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	BSIParanoideT, a Grupo	.	Enter

- a. All requested variables entered.
b. Dependent Variable: RejeiçãoPais

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,375 ^a	,141	,120	6,792

- a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	627,417	2	313,709	6,800	,002 ^a
	Residual	3828,908	83	46,131		
	Total	4456,326	85			

- a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo
b. Dependent Variable: RejeiçãoPais

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	22,703	3,259		6,966	,000		
	Grupo	,888	1,494	,062	,594	,554	,966	1,035
	BSIParanoideT	3,737	1,014	,382	3,687	,000	,966	1,035

- a. Dependent Variable: RejeiçãoPais

Collinearity Diagnostics^c

Model	Dimension	Eigenvalue	Condition Index	Variance Proportions		
				(Constant)	Grupo	BSIParanoideT
1	1	2,829	1,000	,01	,01	,01
	2	,138	4,523	,00	,33	,49
	3	,033	9,242	,99	,66	,50

- a. Dependent Variable: RejeiçãoPais

Tabela 80: Regressão Linear Múltipla – para a subescala Tentativa de Controlo (EMBU-P)

Variables Entered/Removed^b

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	BSIParanoideT, Grupo ^a	.	Enter

- a. All requested variables entered.
b. Dependent Variable: ControloPais

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,226 ^a	,051	,028	4,826

- a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	104,416	2	52,208	2,242	,113 ^a
	Residual	1932,840	83	23,287		
	Total	2037,256	85			

- a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo
b. Dependent Variable: ControloPais

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	30,830	2,317		13,306	,000		
	Grupo	-1,673	1,065	-,171	-1,571	,120	,964	1,037
	BSIParanoideT	,791	,722	,119	1,095	,276	,964	1,037

- a. Dependent Variable: ControloPais

Collinearity Diagnostics^b

Model	Dimension	Eigenvalue	Condition Index	Variance Proportions		
				(Constant)	Grupo	BSIParanoideT
1	1	2,827	1,000	,01	,01	,01
	2	,140	4,498	,00	,33	,48
	3	,033	9,245	,99	,66	,50

- a. Dependent Variable: ControloPais

Tabela 81: Regressão Linear Múltipla – para a escala Total do CBCL**Variables Entered/Removed^a**

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	SuportePais, RejeiçãoPais, ControloPais ^b		Enter

a. Dependent Variable: CBCLTotal

b. All requested variables entered.

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,643 ^a	,413	,386	31,500	1,768

a. Predictors: (Constant), SuportePais, RejeiçãoPais, ControloPais

b. Dependent Variable: CBCLTotal

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	46107,595	3	15369,198	15,489	,000 ^b
	Residual	65488,348	66	992,248		
	Total	111595,943	69			

a. Dependent Variable: CBCLTotal

b. Predictors: (Constant), SuportePais, RejeiçãoPais, ControloPais

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	95,0% Confidence Interval for B		Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Lower Bound	Upper Bound	Tolerance	VIF
1	(Constant)	24,464	37,836		,647	,520	-51,077	100,005		
	ControloPais	-,813	1,025	-,104	-,793	,431	-2,860	1,234	,519	1,925
	RejeiçãoPais	2,941	,656	,541	4,480	,000	1,630	4,251	,611	1,637
	SuportePais	-1,218	,834	-,198	-1,460	,149	-2,883	,448	,481	2,078

a. Dependent Variable: CBCLTotal

Collinearity Diagnostics^a

Model	Dimension	Eigenvalue	Condition Index	Variance Proportions			
				(Constant)	ControloPais	RejeiçãoPais	SuportePais
1	1	3,930	1,000	,00	,00	,00	,00
	2	,052	8,720	,00	,01	,40	,06
	3	,014	16,769	,28	,60	,00	,01
	4	,005	28,671	,72	,39	,60	,93

a. Dependent Variable: CBCLTotal

Tabela 82: Regressão Linear Múltipla – para a subescala Agressividade (CBCL)**Variables Entered/Removed^a**

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	SuportePais, RejeiçãoPais, ControloPais ^b		Enter

a. Dependent Variable: CBCLAgressividade

b. All requested variables entered.

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,657 ^a	,432	,410	3,50940	1,583

a. Predictors: (Constant), SuportePais, RejeiçãoPais, ControloPais

b. Dependent Variable: CBCLAgressividade

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	731,409	3	243,803	19,796	,000 ^b
	Residual	960,640	78	12,316		
	Total	1692,049	81			

a. Dependent Variable: CBCLAgressividade

b. Predictors: (Constant), SuportePais, RejeiçãoPais, ControloPais

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	95,0% Confidence Interval for B		Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Lower Bound	Upper Bound	Tolerance	VIF
1	(Constant)	2,587	4,067		,636	,527	-5,511	10,684		
	ControloPais	-,122	,103	-,132	-1,183	,240	-,326	,083	,588	1,702
	RejeiçãoPais	,354	,070	,557	5,036	,000	,214	,493	,596	1,678
	SuportePais	-,141	,082	-,198	-1,709	,091	-,305	,023	,542	1,846

a. Dependent Variable: CBCLAgressividade

Collinearity Diagnostics^a

Model	Dimension	Eigenvalue	Condition Index	Variance Proportions			
				(Constant)	ControloPais	RejeiçãoPais	SuportePais
1	1	3,932	1,000	,00	,00	,00	,00
	2	,050	8,884	,00	,00	,38	,07
	3	,014	16,939	,21	,73	,02	,02
	4	,005	28,520	,79	,27	,60	,91

a. Dependent Variable: CBCLAgressividade

Residuals Statistics^a

	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation	N
Predicted Value	-1,3458	11,0518	3,7805	3,00495	82
Residual	-6,28203	11,86168	,00000	3,44380	82
Std. Predicted Value	-1,706	2,420	,000	1,000	82
Std. Residual	-1,790	3,380	,000	,981	82

a. Dependent Variable: CBCLAgressividade

Tabela 83: Regressão Linear Múltipla – para a subescala Depressão (CBCL)**Variables Entered/Removed^a**

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	SuportePais, RejeiçãoPais, ControloPais ^b		Enter

a. Dependent Variable: CBCLDepressão

b. All requested variables entered.

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,658 ^a	,433	,411	3,42193	1,900

a. Predictors: (Constant), SuportePais, RejeiçãoPais, ControloPais

b. Dependent Variable: CBCLDepressão

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	688,828	3	229,609	19,609	,000 ^b
	Residual	901,641	77	11,710		
	Total	1590,469	80			

a. Dependent Variable: CBCLDepressão

b. Predictors: (Constant), SuportePais, RejeiçãoPais, ControloPais

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	95,0% Confidence Interval for B		Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Lower Bound	Upper Bound	Tolerance	VIF
1	(Constant)	,051	3,967		,013	,990	-7,848	7,949		
	ControloPais	-,138	,100	-,154	-1,374	,173	-,337	,062	,588	1,702
	RejeiçãoPais	,372	,069	,601	5,428	,000	,236	,509	,600	1,666
	SuportePais	-,096	,080	-,139	-1,198	,235	-,257	,064	,545	1,834

a. Dependent Variable: CBCLDepressão

Collinearity Diagnostics^a

Model	Dimension	Eigenvalue	Condition Index	Variance Proportions			
				(Constant)	ControloPais	RejeiçãoPais	SuportePais
1	1	3,931	1,000	,00	,00	,00	,00
	2	,050	8,877	,00	,00	,39	,07
	3	,014	16,837	,21	,73	,02	,02
	4	,005	28,362	,79	,27	,59	,91

a. Dependent Variable: CBCLDepressão

Residuals Statistics^a

	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation	N
Predicted Value	-1,6469	10,8538	3,2840	2,93434	81
Residual	-8,64258	10,89834	,00000	3,35716	81
Std. Predicted Value	-1,680	2,580	,000	1,000	81
Std. Residual	-2,526	3,185	,000	,981	81

a. Dependent Variable: CBCLDepressão

Tabela 84: Regressão Linear Múltipla – para a subescala Somatização (CBCL)**Variables Entered/Removed^a**

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	SuportePais, RejeiçãoPais, ControloPais ^b		Enter

a. Dependent Variable: CBCLSomatização

b. All requested variables entered.

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,524 ^a	,275	,247	1,78411	2,039

a. Predictors: (Constant), SuportePais, RejeiçãoPais, ControloPais

b. Dependent Variable: CBCLSomatização

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	92,930	3	30,977	9,732	,000 ^b
	Residual	245,095	77	3,183		
	Total	338,025	80			

a. Dependent Variable: CBCLSomatização

b. Predictors: (Constant), SuportePais, RejeiçãoPais, ControloPais

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	95,0% Confidence Interval for B		Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Lower Bound	Upper Bound	Tolerance	VIF
1	(Constant)	1,169	2,069		,565	,574	-2,951	5,289		
	ControloPais	-,068	,052	-,165	-1,301	,197	-,172	,036	,585	1,709
	RejeiçãoPais	,129	,036	,454	3,612	,001	,058	,200	,595	1,680
	SuportePais	-,043	,042	-,135	-1,020	,311	-,127	,041	,540	1,853

a. Dependent Variable: CBCLSomatização

Collinearity Diagnostics^a

Model	Dimension	Eigenvalue	Condition Index	Variance Proportions			
				(Constant)	ControloPais	RejeiçãoPais	SuportePais
1	1	3,931	1,000	,00	,00	,00	,00
	2	,050	8,839	,00	,00	,38	,07
	3	,014	16,855	,21	,73	,01	,02
	4	,005	28,409	,79	,27	,60	,91

a. Dependent Variable: CBCLSomatização

Residuals Statistics^a

	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation	N
Predicted Value	-,6578	3,9032	1,2716	1,07778	81
Residual	-2,96379	5,15860	,00000	1,75034	81
Std. Predicted Value	-1,790	2,442	,000	1,000	81
Std. Residual	-1,661	2,891	,000	,981	81

a. Dependent Variable: CBCLSomatização

Tabela 85: Regressão Linear Múltipla – para a escala Total do CBCL**Variables Entered/Removed^b**

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	BSIParanoideT, ^a Grupo	.	Enter

a. All requested variables entered.

b. Dependent Variable: CBCL total

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,605 ^a	,366	,349	31,436

a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	41668,008	2	20834,004	21,083	,000 ^a
	Residual	72139,413	73	988,211		
	Total	113807,4	75			

a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo

b. Dependent Variable: CBCL total

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	-54,856	15,744		-3,484	,001		
	Grupo	24,796	7,349	,318	3,374	,001	,980	1,020
	BSIParanoideT	30,331	5,081	,562	5,970	,000	,980	1,020

a. Dependent Variable: CBCL total

Collinearity Diagnostics^a

Model	Dimension	Eigenvalue	Condition Index	Variance Proportions		
				(Constant)	Grupo	BSIParanoideT
1	1	2,834	1,000	,01	,01	,01
	2	,131	4,647	,00	,37	,49
	3	,035	9,060	,99	,61	,50

a. Dependent Variable: CBCL total

Tabela 86: Regressão Linear Múltipla – para a subescala Agressividade (CBCL)**Variables Entered/Removed^b**

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	BSIParanoideT, Grupo	.	Enter

- a. All requested variables entered.
b. Dependent Variable: CBCLAgressividade

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,516 ^a	,267	,249	3,86051

- a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	465,801	2	232,900	15,627	,000 ^a
	Residual	1281,705	86	14,904		
	Total	1747,506	88			

- a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo
b. Dependent Variable: CBCLAgressividade

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	-6,013	1,843		-3,262	,002		
	Grupo	3,056	,837	,344	3,651	,000	,959	1,043
	BSIParanoideT	2,793	,572	,461	4,885	,000	,959	1,043

- a. Dependent Variable: CBCLAgressividade

Collinearity Diagnostics^a

Model	Dimension	Eigenvalue	Condition Index	Variance Proportions		
				(Constant)	Grupo	BSIParanoideT
1	1	2,827	1,000	,01	,01	,01
	2	,140	4,487	,00	,32	,48
	3	,032	9,358	,99	,67	,50

- a. Dependent Variable: CBCLAgressividade

Tabela 87: Regressão Linear Múltipla – para a subescala Depressão (CBCL)**Variables Entered/Removed^a**

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	BSIParanoideT, Grupo ^a	.	Enter

- a. All requested variables entered.
b. Dependent Variable: CBCLDepressão

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,586 ^a	,344	,328	3,64308

- a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	590,864	2	295,432	22,260	,000 ^a
	Residual	1128,125	85	13,272		
	Total	1718,989	87			

- a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo
b. Dependent Variable: CBCLDepressão

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	-7,536	1,742		-4,326	,000		
	Grupo	3,129	,793	,354	3,946	,000	,961	1,040
	BSIParanoideT	3,270	,540	,542	6,050	,000	,961	1,040

- a. Dependent Variable: CBCLDepressão

Collinearity Diagnostics^a

Model	Dimension	Eigenvalue	Condition Index	Variance Proportions		
				(Constant)	Grupo	BSIParanoideT
1	1	2,827	1,000	,01	,01	,01
	2	,140	4,489	,00	,32	,49
	3	,033	9,319	,99	,67	,49

- a. Dependent Variable: CBCLDepressão

Tabela 89: Regressão Linear Múltipla – para a subescala Somatização (CBCL)**Variables Entered/Removed^a**

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	BSIParanoideT, Grupo	.	Enter

a. All requested variables entered.

b. Dependent Variable: CBCLSomatização

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,503 ^a	,253	,235	1,74109

a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	87,228	2	43,614	14,387	,000 ^a
	Residual	257,669	85	3,031		
	Total	344,898	87			

a. Predictors: (Constant), BSIParanoideT, Grupo

b. Dependent Variable: CBCLSomatização

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	-2,959	,832		-3,557	,001		
	Grupo	1,222	,379	,308	3,225	,002	,964	1,038
	BSIParanoideT	1,251	,259	,460	4,822	,000	,964	1,038

a. Dependent Variable: CBCLSomatização

Collinearity Diagnostics^a

Model	Dimension	Eigenvalue	Condition Index	Variance Proportions		
				(Constant)	Grupo	BSIParanoideT
1	1	2,829	1,000	,01	,01	,01
	2	,138	4,524	,00	,33	,48
	3	,033	9,307	,99	,66	,50

a. Dependent Variable: CBCLSomatização

Tabela 90: Teste de Mann-Whitney relativo às Crianças/Adolescentes

	U	W	Z	P
YSRAntiSocial	82,000	218,000	-1,515	,130
YSRAtençãoHipreatividade	60,000	196,000	-2,173	,030
YSRAnsiedadeDepressão	77,500	213,500	-1,930	,054
YSRIsolamento	88,000	224,000	-1,524	,128
YSRSomatização	106,000	242,000	-,837	,402
YSREsquizoide	58,000	194,000	-2,738	,006
SuporteAdolesPai	82,500	187,500	-,983	,325
SuporteAdolesMãe	91,000	211,000	-,613	,540
SobreproteçãoAdolesMãe	102,500	207,500	-,109	,913
SobreproteçãoAdolesPai	83,500	174,500	-,647	,517
RejeiçãoAdolesPai	80,500	185,500	-,181	,857
RejeiçãoAdolesMãe	80,000	171,000	-,231	,817
SuportemocionalCriPai	45,500	90,500	-,870	,384
SuportemocionalCriMãe	61,000	139,000	-1,187	,235
RejeiçãoCriMãe	57,000	162,000	-1,394	,163
RejeiçãoCriPai	56,000	147,000	-,168	,866
controloCriPai	34,000	79,000	-1,641	,101
controloCriMãe	55,000	133,000	-1,498	,134
YSRTotal	65,000	201,000	-1,954	,051

Tabela 91: Teste de Mann-Whitney – Médias de ordem

	Grupo	N	Mean Rank
YSRAntiSocial	controle	16	13,63
	CPCJ	15	18,53
	Total	31	
YSRAtençãoHipreatividade	controle	16	12,25
	CPCJ	14	19,21
	Total	30	
YSRAnsiedadeDepressão	controle	16	13,34
	CPCJ	16	19,66
	Total	32	
YSRIsolamento	controle	16	14,00
	CPCJ	16	19,00
	Total	32	
YSRSomatização	controle	16	15,13
	CPCJ	16	17,88
	Total	32	
YSREsquizoide	controle	16	12,13
	CPCJ	16	20,88
	Total	32	
SuporteAdolesPai	controle	14	13,39
	CPCJ	15	16,50
	Total	29	
SuporteAdolesMãe	controle	15	14,07
	CPCJ	14	16,00
	Total	29	
SobreproteçãoAdolesMãe	controle	14	14,82
	CPCJ	15	15,17
	Total	29	
SobreproteçãoAdolesPai	controle	13	13,42
	CPCJ	15	15,43
	Total	28	
RejeiçãoAdolesPai	controle	12	13,79
	CPCJ	14	13,25
	Total	26	
RejeiçãoAdolesMãe	controle	13	13,85
	CPCJ	13	13,15
	Total	26	
SuportemocionalCriPai	controle	13	12,50
	CPCJ	9	10,06
	Total	22	
SuportemocionalCriMãe	controle	14	15,14
	CPCJ	12	11,58
	Total	26	
RejeiçãoCriMãe	controle	14	11,57
	CPCJ	12	15,75
	Total	26	
RejeiçãoCriPai	controle	13	11,31
	CPCJ	9	11,78
	Total	22	
controleCriPai	controle	13	13,38
	CPCJ	9	8,78
	Total	22	
controleCriMãe	controle	14	15,57
	CPCJ	12	11,08
	Total	26	
YSRTotal	controle	16	12,56
	CPCJ	14	18,86
	Total	30	